

Bigness – work in progress
grande dimensão **contemporânea** na arquitectura



José António Rosa Neto

Trabalho orientado pelo Arq. João Paulo Cardielos

Prova final de licenciatura. Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Janeiro de 2001

Bigness – work in progress
grande dimensão **contemporânea** na arquitectura

José António Rosa Neto

Prova Final de Licenciatura em Arquitectura realizada no âmbito do seminário Cidade e Espaço Público, orientado por Arq. João Paulo Cardielos

Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Janeiro de 2001

SUMÁRIO

PRÉ-TEXTOS E PRETEXTOS.

- Angústias, motivações e a grande dimensão.
- Entre parênteses (projecto ou obra?).

CONTEXTOS.

- Sociedade e cidade contemporâneas. Contexto para a grande dimensão contemporânea.

(ALGUMA) GRANDE DIMENSÃO CONTEMPORÂNEA.

- Percursos e antecedentes.
- Conceitos. A procura de uma ideia de grande dimensão.
- Abordagens possíveis – algumas reflexões erráticas.

PÓS-TEXTOS - EM JEITO DE CONCLUSÃO.

- Permanências e a prova dos nove (anos).

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DE IMAGENS E FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

ÍNDICE GERAL

PRÉ-TEXTOS E PRETEXTOS

Angústias, motivações e a grande dimensão

Angústias

“A importância da consciência que o arquitecto tem sobre o seu próprio processo é questão essencial no exercício da projectação. O exercício da crítica, a avaliação sistemática e o permanente questionamento da razão de cada um dos passos que se dão é tanto mais necessário quanto é certo que é desse mesmo exercício que resulta a consciência do produto final, do projecto e, finalmente, da obra de arquitectura que se constrói.”¹ “Por isso dizemos que “não há produto sem processo, nem processo sem produto.”²

Na altura da execução de uma prova final, ou conclusão, pois como sabemos estas considerações escrevem-se, por norma, no final, parece-me lícito tecer alguns comentários à própria prova enquanto ‘projecto com um processo’, parte integrante do plano de estudos e elemento essencial para a conclusão da licenciatura numa escola de arquitectura.

Tantas vezes motivo de discussões, protestos, repúdios, enfim, de críticas, transformada por nós em ‘Lobo Mau’, parece que finalmente se começa a chegar a algum consenso sobre a forma e conteúdo que esta deve ter, no sentido da sua diminuição e da especificação do seu valor, assim como da possibilidade de esta assumir, também, o carácter de uma reflexão sobre o processo de projecto no escritório de arquitectura (o antigo relatório de estágio da ‘Escola do Porto’?). Esta modalidade, embora possível há já algum tempo, poderá ser, finalmente, ‘instituída de facto’ acabando com o receio de se ver um trabalho ‘menosvaliado’ por tal opção, reflexo de uma atitude corporativista, que penalizou no passado quem pretendeu fazer, no âmbito da prova, um trabalho efectuado fora dos ‘imprecisos limites da escola’.

¹ Manuel Correia Fernandes, *A Estrutura de Suporte · Construir a Arquitectura: Um Programa para a Disciplina de Projecto*, p21.

² Manuel Correia Fernandes, *Op. Cit.*, p22.

Em nossa opinião, uma prova académica com o carácter da prova final, tendo como objectivo primeiro a formação disciplinar do seu autor, deve servir para revelar a capacidade de, na abordagem a uma determinada temática, relacionada com a arquitectura ou com o processo de projecto, elaborar um discurso que no seu todo seja mais *consciente, consistente e coerente*. Um discurso que “tem mais a ver com o ‘levantar de problemas’ do que com ‘o encontrar de soluções’... como, aliás, sempre, e de preferência, se procura fazer ao longo de todo o processo pedagógico.”³

Foi, de resto, conscientes da particularidade dos seus objectivos e da profundidade própria ao nível académico a que se destina, que encarámos a realização deste trabalho de reflexão, representando o mesmo a possibilidade de levantar questões que tomaram corpo durante o período curricular nas várias cadeiras do curso, em particular nas cadeiras de projecto, assim como ao longo de várias situações que, fora da escola, contribuíram, também, de forma importante para a nossa formação como alunos de arquitectura *ad eternum*⁴ e como seres humanos.

Neste sentido a obtenção de respostas definitivas não era objectivo mas antes a colocação das perguntas nos moldes correctos, conscientes da complexidade de tão árdua tarefa, mas empenhados em atingir no final do mesmo uma base teórica de importância vital para encarar com outra confiança os desafios levantados no confronto com a vida profissional, ou académica, futura.

Também neste sentido a prova foi a oportunidade de explorar campos anteriormente não abordados com a necessária profundidade, por inércia, por desleixo, ou apenas porque a consulta dos livros passou a ser a consulta das imagens dos livros, num tempo em que a imagologia domina as publicações, também (ou principalmente) de arquitectura, tornando mais apelativo o invólucro do que o conteúdo, as imagens do que o texto.

³ Manuel Correia Fernandes, *Op. Cit.*, p17. Falando ‘sobre o exercício que, em concreto, justifica’ a aula apresentada para prestação de provas públicas para a obtenção do grau de professor agregado da FAUP

⁴ Por analogia com o termo com que no ‘código da praxe académica de Coimbra’, se designa aquele que fica na condição de caloiro para sempre, ‘Caloiro ad eternum’

Assim, e porque o discurso actual é cheio de contradições, reflectindo um momento da cultura e da sociedade actuais, partimos para este trabalho apenas com a certeza das incertezas mas com a vontade de ver estas 'dissiparem-se'. Afinal, quem tem medo do Lobo Mau?

Motivações

Nas páginas que se seguem tentaremos expor o porquê da escolha do tema, e de forma sucinta faremos a este uma primeira abordagem.

É no decorrer do curso, de forma particular no último ano da cadeira de projecto, onde a abordagem da cidade é feita à escala do território (e a 'bíblia' era o *S,M,L,XL* de Koolhaas), que surge a ideia de realizar um trabalho sobre a grande dimensão, não podendo ainda na altura especificar-lhe os termos, mas consciente da importância do tema enquanto tema recorrente no debate actual da arquitectura e da cidade, mesmo no contexto nacional. Prova disso são as abordagens frequentes ao tema em revistas da especialidade, dedicando-lhe artigos ou números inteiros.

‘Chegar mais alto, vencer o maior vão’

Os edifícios de grande dimensão são uma constante ao longo da história da arquitectura, no entanto, nunca, como hoje, se assistiu, mesmo no panorama nacional (onde os edifícios de grande dimensão comercial são o paradigma), a uma tão grande proliferação de ‘objectos de grande dimensão’, onde qualquer programa, mesmo o mais corrente, em qualquer contexto, parece justificar a construção mais alta, mais extensa. Talvez porque se constrói actualmente a uma velocidade sem precedentes (a capacidade técnica parece hoje ilimitada), talvez porque surjam novos centros que se pretendem afirmar pela sua arquitectura, ou talvez porque haja simplesmente contextos que justificam essas grandes arquitecturas.

Quais são os edifícios de grande dimensão contemporânea? O que é novo nos edifícios de grande dimensão contemporâneas? Quais os novos programas que a exigem, ou quais os programas que não sendo novos hoje a exigem? Quais os pretextos para a sua construção? E de que forma estes se relacionam com a cidade; como se implantam e se inserem (ou não) na malha urbana? De que forma estes se tornaram potenciais geradores de malha urbana, pólos de desenvolvimento das novas franjas da cidade, novas centralidades? Grande

dimensão horizontal ou vertical? Há uma tipologia da grande dimensão? Há uma forma da grande dimensão, ou várias? Podemos falar da arquitectura de grande dimensão como um elemento morfológico?

Estas e outras questões configuram um tema vasto e sobre o qual não é fácil estabelecer conceitos. No entanto, a vontade de sintetizar, ou pelo menos sistematizar, algumas reflexões que de forma ‘impertinente’ se nos foram colocando, pareceram a determinada altura poder ser enquadradas num trabalho com o carácter de uma reflexão escrita de final de licenciatura.

A carta aberta que Rem Koolhaas dirigiu ao júri do concurso para a Potsdamer/Leipziger Platz, com o título *The massacre of ideas*, levanta, em nossa opinião, algumas das questões que marcam o actual momento do debate que se vem prefigurando sobre a arquitectura e a cidade.

Koolhaas acusa o júri do concurso de ver “a construção de um novo centro nos termos profissionais mais estreitos e naïfes, esquecendo todos os outros aspectos que, em conjunto, têm de fundir-se, ligar-se, para gerar a densidade necessária de uma cidade real, de uma verdadeira cidade.” E critica o afastamento como resultado disso, do projecto de Hans Koolhoff que continha potencial inteligente e especulativo, “em favor de projectos que estavam determinados a serem ‘mais normais’.”⁵

Perdeu-se assim, na opinião do arquitecto holandês, numa tentativa tosca de abortar a discussão sobre o arranha-céus, a investigação sobre os potenciais benefícios da concentração, uma discussão sobre o significado de ‘densidade’. Koolhaas continua referindo o projecto de Daniel Libeskind, que representava uma tentativa impressionante de reimaginar a ideia do centro, apesar de todas as forças que desgastaram este conceito, e o projecto de Will Aslop que propunha a solução mais convincente para um contexto complexo e diabólico.

⁵ Rem Koolhaas, “Berlin: The massacre of ideas”, *Documenta X – the book: politics poetics*, Ostefildern, Cantz Verlag, 1997, p.694

Koolhaas continua acusando os esquemas que permaneceram na competição de partilharem a mesma fraqueza, ao explorarem soluções dentro de uma morfologia mais ou menos clássica (i.e. séc. XIX).

O que importa, neste momento, pôr em evidência é a quantidade de respostas ao concurso, correspondendo a diferentes formas de encarar o problema da construção, ou reconstrução, da cidade, não só dos novos centros da cidade mas também do centro tradicional da cidade.

As questões da relação centro(s)/periferia(s) e da indefinição dos limites da cidade contemporânea marcam o actual discurso sobre a cidade. A crise ou a diversidade da condição central, e o crescimento da cidade ou a perda da sua forma e dos seus limites, são questões conceptuais que se tornaram recorrentes nos debates da disciplina. A intervenção na cidade, reflectindo estas questões, vêm-se realizando preferencialmente em dois âmbitos de intervenção: A requalificação dos tecidos consolidados, por um lado; e a construção e desenvolvimento de áreas periféricas, por outro.

Mas o que marca, em nossa opinião, e de forma definitiva, o actual momento, é a multiplicidade de abordagens possíveis, de métodos e conceitos com que afrontar o problema. A estratégia que encerra o edifício de grande dimensão, a da concentração e da densidade, é apenas uma das formas para abordar a questão urbana, e não será, por ventura, a mais corrente, no entanto é aquela sobre a qual nos propomos debruçar enquanto hipótese de construção e requalificação da cidade contemporânea.

Procuramos, no fundo, questionar a validade do princípio que afirma a quantidade como qualidade, e o porquê de um actual 'gigantismo' generalizado, de que fala Françoise Choay.

Estudar o edifício de grande dimensão representa para nós a possibilidade de, em moldes actuais, estudar a cidade contemporânea e reflectir a arquitectura, em particular a relação da arquitectura com a cidade.



A grande dimensão

*Make no little plans; they have no magic to stir men's blood.*⁶ Daniel Burnham

*Beyond a certain scale, architecture acquires the properties of bigness. The best reason to broach Bigness is the one given by climbers of Mount Everest: 'Because it is there'. Bigness is the ultimate architecture.*⁷ Rem Koolhaas

O tema da grande dimensão na arquitectura é um tema recorrente ao longo de toda a história da humanidade. A Torre de Babel, o primeiro grande edifício da mitologia, representava a vontade de alcançar o céu e de construir o mundo, ela “é a alegoria de um esforço secular da humanidade para construir a racionalidade em todos os seus aspectos”⁸, no entanto o seu fracasso foi um aviso profético contra a pretensão de meros mortais irem além do seu lugar no universo. Não obstante, a grande dimensão foi sempre um rasgo importante nos edifícios religiosos, como expressão de toda a carga simbólica e espiritual que os mesmos contêm. Esta “síntese mágica de espaço e estrutura para orquestrar uma sensação do divino”⁹ foi refinada pelos construtores das catedrais góticas.

A grande dimensão é associada com poder. Se até ao século passado os edifícios de grande dimensão acolhiam programas ligados ao poder religioso, ou secular, hoje são outros os poderes que parecem conformar os novos edifícios de grande dimensão.

As grandes catedrais deram lugar aos edifícios do poder económico emergente. O equivalente a estas, no final do século XX, quando assistimos à ‘diluição’ do poder do estado a par com a ‘diluição’ das fronteiras entre os estados, é o arranha-céus das multinacionais, que reflecte na sua dimensão, a vitalidade e o poder dos impérios de negócios, e das cidades onde estes se localizam.

⁶Charles Kneivitt, *Space on Earth*, Thames Methuen, London, 1985, p60, in *The Architectural Review* 1201, march 1997, p5

⁷ Rem Koolhaas, *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997, p495.

⁸ Ludovico Quaroni, *La Torri di Babele*, 1967

⁹ Catherine Slessor, “The Big Issue”, *The Architectural Review*, *Op. Cit.*, p.4

A monumentalidade teve sempre, desde os faraós aos modernos políticos o apelo de uma 'Caixa de Pandora'. Os *Grands Projects* de Miterrand incluem o *Grande Arche at La Défense* e a *Trés Grande Bibliothèque*, de Dominic Perrault, "concepções heróicas que tiveram a sua origem nas visões megalómanas de Boullée"¹⁰, duzentos anos antes.

Estes projectos no entanto não se comparam em escala a uma proposta recente para Kuala Lumpur, capital da Malásia, uma economia emergente que anseia por se afirmar no mundo da globalização. Além de possuir já o 'edifício mais alto do mundo' as *twin office towers* de Cesar Pelli, Kuala Lumpur pode vir a ter o 'edifício mais longo do mundo', caso se venha a concretizar um complexo linear, com cerca de doze mil metros, integrando comércio, hotéis, habitação, escritórios, além de equipamentos culturais e de entretenimento.

Não é por acaso que é nestes países, com economias emergentes, onde de forma mais premente se vem realizando a discussão pela posse do edifício mais alto e mais extenso.

A noção de construir mais alto ou mais comprido preocupou os arquitectos modernos desde Frank Lloyd Wright a Norman Foster. Em 1956, Wright desenhou o 'edifício com uma milha de altura'. Cerca de quarenta anos depois o desenho de Denton Corker Marshall para uma torre em Melbourne dá corpo a um gesto de poder semelhante, "The ultimate monument in a city of monuments."¹¹ Com este edifício Melbourne procura rivalizar com Sidney como a cidade australiana mais proeminente.

O salto quântico na capacidade de construir mais alto, mais longo ou maior, tem geralmente sido contingente com os meios tecnológicos para o fazer. A capacidade, por exemplo, de gerar um enorme corpo unitário, assim como a possibilidade de gerar grandes áreas de espaço artificialmente controlado, permitindo a interiorização do edifício, reflectem o potencial libertador da implementação tecnológica.

Não terão sido só os avanços tecnológicos que permitiram o avanço na construção dos edifícios de grande dimensão mas as exigências que estes foram colocando foram também o motor desta pesquisa, numa relação biunívoca. A invenção dos transportes verticais em meados do século XIX significou que a arquitectura podia explorar novas alturas, liberta

¹⁰ Catherine Slessor, *Op. Cit.*, , p.4

¹¹ "Big in Melbourn", *The Architectural Review, Op. Cit.*, p.60

enfim dos limites impostos pela capacidade humana para subir escadas, que não permitiu durante séculos que a construção se aventura-se muito além dos quatro ou cinco pisos. Moldado pelas vorazes ambições comerciais de Nova Iorque e Chicago, a nova tipologia do arranha-céus materializou-se e generalizou-se. A par com o desenvolvimento das estruturas de aço ligeiras e do ar-condicionado, o céu tornou-se literalmente o limite.

No entanto o tema da grande dimensão não é consensual e a sua abordagem deveria ser diferente, pois a *bigness* de que fala Koolhaas torna os sistemas convencionais de proporção e ordenação obsoletos. O tema não pode mais ser abordado com os mesmos instrumentos e métodos inventados e sistematizados algures no final do século XIX. Como Koolhaas faz notar "A ausência de uma teoria da enormidade - qual o máximo que a arquitectura consegue fazer? - é a fraqueza mais debilitadora da arquitectura. Sem uma teoria da enormidade os arquitectos estão na posição dos criadores de Frankenstein: instigadores de uma experiência parcialmente bem sucedida cujos resultados correm amoque e estão por isso descreditados."¹²

De acordo com Catherine Slessor "há contudo sinais de que o desafio está a ser endereçado", apontando as torres bioclimáticas de Ken Yeang como "um passo neste entendimento, no sentido em que retoma a tipologia do arranha-céus, relacionando os edifícios altos com a cultura e o lugar, para além de procurar reduzir o consumo de energia."¹³

Conforme as cidades e as populações se expandem, parece claro que os grandes edifícios serão sempre necessários, e, mesmo em grande escala, a arquitectura pode ser subtil e humanamente atenta. Os edifícios de grande dimensão podem ser funcionais e humanos, e, da mesma maneira, programas complexos e grandes para uma série de tipos de edifícios, podem ser transformados em arquitectura imaginativa e que responda aos desafios desses programas. Não serão todos arranha-céus mas serão todos grandes, relativamente ao seu contexto particular.

¹² Rem Koolhaas, *S,M,L,XL, Op. Cit.*, p.509.

¹³ Catherine Slessor, *Op. Cit.*, p.4

Parece-nos que a arquitectura de grande dimensão possui, hoje, o potencial de reconstruir e requalificar a cidade, de ser referência colectiva para uma sociedade em crise de valores, e de lhe retribuir o significado que, alguns advogam, vem perdendo ou terá já perdido.

Não defendendo aqui a capacidade totalizadora do projecto, nem sendo o nosso propósito escrever ou dar resposta à demanda de Koolhaas por uma *Theorie of Bigness*, pensamos no entanto poder abordar o tema da grande dimensão em alguns dos seus aspectos, procurando desta forma sistematizar algumas ideias dispersas sobre a grande dimensão e ao mesmo tempo reflectir um fenómeno que, como referimos no início deste capítulo, é recorrente ao longo de toda a história da arquitectura e que se actualiza e torna pertinente no debate contemporâneo.

Conscientes da particularidade dos objectivos da prova final e da profundidade própria a este modelo, assim como da complexidade, e ‘vastidão’, do tema em discussão, não foi pretensão nossa abordar a temática da arquitectura de grande dimensão em todas as suas vertentes e da forma aprofundada e detalhada que seria necessária para a elaboração de um estudo completo.

Nesse sentido optámos por restringir o tema ao campo da arquitectura, e dentro deste, à discussão dos edifícios que se vêm assumindo como referências para uma ‘nova’ sociedade e ‘pólos’ dinamizadores da cidade, colocando sempre a questão numa perspectiva contemporânea. Qual é a grande dimensão contemporânea, como se vem configurando, como vem conformando a cidade?

Diz quaroni que “o cérebro apenas trabalha um número limitado de parâmetros e, mesmo assim, tem de os reduzir a quantidades e qualidades homogéneas.” Segundo Manuel Correia Fernandes “Continua claro que a aprendizagem exige, por razões de método, a parcelarização dos problemas e a delimitação circunstancial das questões, mas não implica (antes exclui) a redução – que é sempre artificial – da complexidade do real.”¹⁴

¹⁴ Manuel Correia Fernandes, *Op. Cit.*, p.22.

A vontade de abordar uma temática complexa, afirmou a necessidade de nos munirmos de uma estratégia que fosse suporte para a reflexão, que a tornasse mais clara. Um processo que exige alguma abstracção na procura de permanências e pontos comuns num debate que se compreende marcado pela diversidade de experiências e de linhas de pensamento que caracterizam o momento actual.

Assim, não nos pareceu inusitado que o trabalho reflectisse estas questões, e nesse sentido, estrutura-se em capítulos, ou textos, que embora percorridos por uma permanência, o tema da grande dimensão na arquitectura, possuem alguma 'autonomia', permitindo, deste modo, abordar de forma séria alguns dos aspectos que consideramos relevantes para a nossa reflexão.

No capítulo que se segue propomo-nos abordar a cidade contemporânea, no sentido de perceber a(s) conjuntura(s) actual(is), na qual(is) as arquitecturas de grande dimensão se vêm configurando e revelando como (mais) uma possibilidade de abordar (materializar?) a condição contemporânea.

A cidade contemporânea revela-se assim instrumental, porquanto reflecte “as relações profícuas e perversas que se estabelecem entre os diversos saberes e poderes que conformam a cultura contemporânea”¹⁵, e que ‘informam’ e conformam os edifícios de grande dimensão actuais.

Não sendo nosso objectivo a elaboração de um trabalho de análise histórica/cronológica pareceu-nos importante, tendo sempre no horizonte o debate do momento actual, que a grande dimensão fosse contextualizada e analisada à luz de factos relevantes que aconteceram sobretudo no século XX mas que encontram alguns a sua génese em períodos anteriores.

A abordagem dos *Antecedentes/Percursos* corresponde a um recuo a períodos fundamentais na gestação de uma nova arquitectura de grande dimensão na cidade, onde procurámos identificar os factores que tornaram estes edifícios possíveis e materializáveis.

¹⁵ Jorge Figueira, Nuno Grande, “Uma chave de parafusos para a nova cidade”, *ecdj* n.3, Coimbra, Novembro 2000, p.8

Longe de nos afastar das nossas pretensões, esta abordagem, significa a compreensão do pensamento arquitectónico (assim como de todo o conhecimento) como um processo cumulativo.

Num terceiro, momento, procuramos a clarificação dos conceitos de ‘Arquitectura de grande dimensão contemporânea’, enquanto condição primeira com que enfrentar este debate. Mais do que a clarificação da imprecisão semântica que vem marcando o discurso actual, o que procuramos especificar, de algum modo, são os termos desta reflexão. Em suma, dar uma resposta à pergunta que esteve sempre subjacente, e encontrar naquela um ponto de partida para afrontar o problema: Qual a grande dimensão objecto do presente estudo?

(a questão da abordagem da arquitectura de grande dimensão sob vários pontos de vista: Simbolismo, Programa, Espaço público, Tecnologia)

Nos capítulos seguintes procuramos abordar o tema em estudo, de forma sistemática, sob aqueles aspectos que a nosso ver se revelam mais importantes, suportando o nosso pensamento em exemplos concretos como método de pesquisa, procurando que estes possuíssem a capacidade de reforçar o texto, ou até de o acrescentar.

Por esta razão, também eles foram sujeitas a uma selecção que se procurou rigorosa, embora conscientes de que a escolha poderia recair sobre outros.

Os projectos não construídos merecem a nossa atenção, em particular no capítulo relativo aos *Percursos/Antecedentes*, pois embora não estejamos, ainda, em face de uma arquitectura, “que, para o poder vir a ser, carece de dimensão física, material e construtiva,” estes constituem, na “imensa liberdade do desenho,”¹⁶ a possibilidade de veicular utopias e visões, referências para as arquitecturas posteriores.

A frequência das referências ao pensamento de Rem Koolhaas, na abordagem ao tema, tem a ver com o facto de encontrarmos no trabalho deste arquitecto a “cessação da resistência ideológica aos desenvolvimentos da civilização contemporânea,”¹⁷ constituindo uma

¹⁶ *A Estrutura de Suporte · Op. Cit.*, p.17.

¹⁷ Alejandro Zaera, “Notas para un levantamiento topográfico”, *El Croquis*, n.53, Madrid, 1992

pesquisa séria e consistente no sentido de um redirecionamento conceptual e prático da arquitectura para uma nova modernidade.

Na consciência da inexistência de uma ideia única e sólida de arquitectura de grande dimensão, reafirmamos a vontade de levantar, de forma séria, algumas questões, com o intuito de clarificar e sistematizar os processos em curso, aferir as permanências. Reiterando a ideia de que não procuramos soluções definitivas ou conclusões.



“ONE MILE HIGH” – PROJECTO PARA CHICAGO
FRANK LLOYD WRIGHT (1956)

Entre parênteses (projecto ou obra?)

Peter Zumthor escreve no seu livro “*Thinking Architecture*”, que “a arquitectura é sempre matéria concreta. Um plano, um projecto desenhado no papel não é arquitectura mas apenas uma representação mais ou menos inadequada da arquitectura, comparável a música no papel. A música precisa de ser tocada. A arquitectura precisa de ser executada. E o seu corpo é sempre sensível.”¹⁸

Manuel Correia Fernandes afirmara anos antes, em relação ao projecto, que este “não será ainda uma arquitectura” e que, para o vir a ser, “carece de dimensão física, material e construtiva”¹⁹.

Arquitectura como obra construída ou como projecto, arquitectura como ‘experiência dos sentidos’ ou como ‘processo mental’²⁰.

Esta não é de todo uma discussão nova e nem sequer é recente. No entanto, e embora esta seja uma questão que extravasa os limites do tema sobre o qual nos propusemos reflectir, a saber, a grande dimensão em arquitectura, ou, os edifícios da grande dimensão contemporânea, não podemos negar o interesse que a mesma suscita e pensamos ser de interesse para o desenvolvimento do trabalho tecer sobre ela algumas considerações, ainda que vagas face à extensão deste (outro) tema.

Partilhando, por princípio, da posição assumida pelos dois arquitectos citados, parece-me importante considerar para o nosso estudo uma série de projectos que nunca foram executados, arquitecturas não realizadas²¹, que juntamente com as obras feitas marcaram o debate sobre a grande dimensão ao longo dos tempos, e onde encontramos a génese da grande dimensão contemporânea.

¹⁸ Peter Zumthor, *Thinking Architecture*, p.57.

¹⁹ Manuel Correia Fernandes, *Op. Cit.*, p.19.

²⁰ Bernard Tschumi, *Architecture and Disjunction*, The MIT Press, Cambridge (Mass.) 1994.

²¹ “Razões de circunstancia podem obrigar ao abandono temporário dos princípios, se tal se revelar previsivelmente favorável.” in Manuel Correia Fernandes, *Projecto I - Programa, Conteúdos e Métodos -Relatório*, p.9.

Arquitecturas de manifesto ou simplesmente projectos não construídos por incapacidade técnica, financeira ou política, ou ainda por chocarem com uma sociedade não preparada para os mesmos, a arquitectura que ficou apenas ‘no papel’ marca definitivamente a discussão sobre a arquitectura, e, em nossa opinião, de forma particular, da arquitectura de grande dimensão.

Falando sobre as imagens e sobre o papel destas no processo cognitivo, António Damásio, em “O Erro de Descartes”, diz a determinada altura que “o conhecimento factual que é necessário para o raciocínio e para a tomada de decisões chega á mente sob a forma de imagens: Imagens de modalidades sensoriais diversas; e imagens que vão ocorrendo à medida que evocamos uma recordação de coisas do passado, ou a memória de um futuro possível.” “Estas diversas imagens (...) são construções do cérebro do nosso organismo”. E são primordiais no processo cognitivo e no processo criativo.

Se nos socorremos da leitura deste livro é apenas por pensarmos que este reafirma a nossa convicção na importância primordial das imagens no processo de reflexão e de concepção, e porque, de algum modo, valida as opções tomadas ao longo de todo o trabalho na escolha dos projectos - uns construídos de facto e outros que se vêem ‘construídos’ apenas na imensa liberdade do desenho.

O cérebro faz uso de imagens no momento de responder aos problemas que determinado programa levanta, e nesse sentido parece-nos legítimo afirmar a importância destas outras imagens, que embora não construídas e não experimentadas são de igual importância no acto de projectar, não só pelas arquitecturas que apresentam e representam, mas, mais do que isso, pelas arquitecturas que ‘evocam’.

O que está aqui em causa não é tanto a arquitectura ou o projecto, enquanto ‘meios’ que se excluem, mas o entendimento do projecto como um processo conducente à realização de arquitecturas. Neste processo/projecto a obra, a fase da materialização, é ‘uma’ das fases e está na dependência directa de uma série de factores económicos, políticos, sociais, técnicos e tecnológicos que não poucas vezes se constituem como entraves à conclusão do processo – O processo de materialização das arquitecturas passa por vários intervenientes

dos quais o arquitecto é apenas um deles, e não é seguramente, na maioria das vezes, aquele que detém o poder de materializar a obra projectada.

Também as arquitecturas de manifesto existem, conscientes da impossibilidade da sua materialização algumas vezes por incapacidades de ordem técnica, outras por se sobreporem a uma sociedade que não está preparada para elas, e no entanto pareceu-nos importante reportar-mo-nos a elas, ou a algumas delas, pela capacidade libertadora que encerram. No caso da arquitectura de grande dimensão estes factores aparecem exponenciados tornando-se porventura ainda mais importantes - Assim sendo a grande dimensão encontrou muitas das vezes apenas no papel, “na imensa liberdade do desenho”²², na maquete ou, mais recentemente, nas construções tridimensionais dos computadores, o seu único campo de “experimentação” e “construção”.

A discussão do projecto para um arranha-céus com uma milha terá porventura contribuído mais para a discussão da grande dimensão vertical do que algumas outras torres construídas e que sendo de grande dimensão, não mais são do que a repetição de um modelo já testado, sem aportar nada de novo à discussão.

Embora achando essencial a experiência dos sentidos na compreensão de uma obra de arquitectura, na hora de realizar este trabalho foi também nestes meios que nos suportámos, encontrando-nos apenas na posse de elementos de desenho e de representação, – fotografia, maquete,... – linguagem comum aos arquitectos, para analisar a obra. Ora estes são igualmente os instrumentos que informam o projecto, a arquitectura não realizada.

Assim, as arquitecturas não realizadas, que não serão ainda arquitecturas mas projectos, embora vendo o seu meio de intervenção especificado - o debate da ‘arquitectura no papel’ faz-se no seio da profissão - contribuem de forma incontornável para a mesmo. A arquitectura no papel de ‘ontem’ mostrou-se assim instrumental na hora de discutir a grande dimensão tal como pensamos que a arquitectura no papel de ‘hoje’ fará parte dos dados na hora de discutir a arquitectura do amanhã.

²² Manuel Correia Fernandes, *Op. Cit.*, p.19.

“... eu penso que há lugar para arquitecturas de vanguarda e que há lugar para arquitecturas que ficam só no papel e que podem ser extremamente importantes para a história da arquitectura.”²³

Para além destas condicionantes ‘naturais’ no desenvolvimento de qualquer trabalho científico, a especificação de um tema, outras ainda existem que são impostas por motivos diversos. Neste caso não podemos deixar de referir o conhecimento deficiente da quase totalidade das obras referidas, no sentido em que apenas as conhecemos através de fotografias e/ou projectos, o que embora não invalide, em nossa opinião, a elaboração do trabalho não o tornará por certo tão enriquecedor quanto pensamos poderia ser, se informado por uma componente mais pessoal na hora de falar das obras e dos espaços que ilustram a análise.

²³ Nuno Portas in “A Regra, a Modéstia e Cidades Melhores”, *Unidade*, n.3, AEFAUP, Porto Junho 1992.

Contextos



METROPOLIS 1923 - PAUL CITROEN

Sociedade e cidade contemporâneas. Contexto para a grande dimensão contemporânea.

Porquê abordar a cidade?

“não há arquitectura sem a cidade, não há cidade sem arquitectura.”¹

Não sendo a cidade contemporânea o objecto do nosso estudo, e cientes de que qualquer generalização sobre esta é potencialmente perigosa (e que qualquer tentativa de definição desta será apenas provisional no sentido de avançar no trabalho que nos propusemos), parece-nos pertinente tecer algumas considerações sobre a mesma, e sobre a reflexão que sobre esta se vem fazendo, no sentido em que a cidade contemporânea é o ‘palco’ onde se vêm configurando as arquitecturas de grande dimensão, e estas vêm-se revelando como (mais) uma possibilidade de abordar a condição contemporânea na altura de construir a cidade².

A cidade contemporânea revela-se assim instrumental, porquanto reflecte “as relações profícuas e perversas que se estabelecem entre os diversos saberes e poderes que conformam a cultura contemporânea”³, os valores e os paradigmas (ou a falta deles) pelos quais se rege a sociedade contemporânea.

Conscientes de que a cidade está em permanente evolução, e que esta se processa de forma desigual, no espaço e no tempo, para qualquer ponto do globo considerado, tornando impossível a sua cristalização, interessa-nos alguns aspectos de uma tendência da vanguarda dos processos urbanos contemporâneos, que permitem, contudo, falar de

¹ Bernard Tshumi, *Event-Cities*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts/London 1996, p.12.

² “Hoje, mais do que nunca, comprovamos que a cidade é muito mais coisas que os seus edifícios e as suas arquitecturas.” Ignasi Solà-Morales, “Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades”, *Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades*, Edición Comitè d’Organització del Congrés UIA Barcelona 96, Col·legi d’Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996, p.11.

³ Jorge Figueira, Nuno Grande, “Uma chave de parafusos para a nova cidade”, *ecdj* n.3, Coimbra, Novembro 2000, p. 8.

‘permanências’, e que reafirmam o potencial estruturante e o carácter referencial das arquitecturas de grande dimensão.

Embora conscientes da natureza heterogénea, multicultural e multiforme das áreas urbanas em todo o planeta, e da impossibilidade de estabelecer modelos, de cidade ou de intervenção urbana, parece possível falar em permanências, em processos similares, numa condição metropolitana emergente. Uma condição metropolitana, não em termos geográficos, porquanto esta implica o preenchimento de determinados requisitos quantitativos a que nem todas as cidades dão resposta (número de habitantes, densidade, quantidade de equipamentos, etc.), mas em termos espaciais, no sentido em que, nem todas são metrópoles, mas todas têm características metropolitanas e vêm-se construindo, em menor ou maior grau, com os materiais e sistemas urbanos que caracterizam esta relação.

Não interessa para onde dirigimos o olhar, as tipologias usadas são as mesmas desde arranha-céus até auto-estradas. Parece sempre haver relações com periferias urbanas percorridas por vias rápidas, edifícios de grande dimensão, uns subúrbios do tipo residencial, densidade, infra-estruturas, etc., e “em toda a parte a arquitectura explorada com estes fins assume um certo grau de inexpressividade.”⁴

A cidade é assim o pretexto para compreender as novas conjunturas – política, económica, social, cultural – que enquadram a produção da grande dimensão contemporânea (razão pela qual esta análise será tendenciosa, no sentido em que se debruça fundamentalmente sobre o que pensamos ser relevante para o objectivo do trabalho).

⁴ Hans Ibelings, *Supermodernismo*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1998, p.67.



RENE GONZALEZ

A reflexão sobre a cidade

O que marca na actualidade a reflexão sobre a cidade e a arquitectura é uma “crescente inquietude perante um difuso pensamento inconsistente, sem espessura e sem horizontes, que superficialmente se move entre diferentes disciplinas,” e que, incapaz de definir novos valores, “se limita a secundar a realidade, apresentando-se cada vez mais dependente das estratégias de afirmação das novas leis do mercado.”⁵

A ‘complexidade e a contradição’ das relações entre os diversos factores que conformam a cidade contemporânea é que tornam, hoje, difícil reflectir sobre esta. “A proporção demográfica e a complexidade geográfica das metrópoles transforma o actual fenómeno urbano numa equação até hoje desconhecida na experiência de vida humana.”⁶

Se por um lado, nunca a população mundial foi tão numerosa, e está a ultrapassar a metade vivendo num ambiente urbano; por outro, há condições políticas, económicas, sociais, culturais, geográficas, suficientemente diferentes em todo o planeta para que não possamos falar num modelo urbano único e generalizável a todas as cidades.⁷

A indefinição, relativamente às competências e ao papel dos vários actores que intervêm na efectiva construção da cidade contemporânea, e à especificidade dos seus contributos agudizam a confusão reinante no ‘pensamento urbano’. Uma situação que é na realidade útil à consolidação dos poderes constituídos entre os quais se vê hoje enredada a construção da cidade.

As políticas neo-liberais da urbanização regulada pelo mercado e pelos agentes privados substituíram o planeamento tecnocrático e racionalista que cai com a falência do Estado providência alterando-se o próprio conceito de planeamento urbano. A ilusão do controlo total da cidade não existe hoje, nem tão pouco a crença em políticas em que as administrações assumam parte importante da distribuição dos recursos.

⁵ Fernando Távora, “Prefácio” a *Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás* de Bernardo Ferrão, Porto, Edições da FAUP, 1989.

⁶ Jorge Figueira, Nuno Grande, *Op. Cit.*, p.8.

Os responsáveis públicos compreendendo a impossibilidade de aspirar a um domínio total e completo dos fenómenos urbanos, aceitam a realidade de que é hoje apenas possível, e desejável, regular os funcionamentos e orientar as transformações na cidade, e esta acaba por ser (quando o estado não se demite de todo do seu papel regulador) “o resultado não planificado de acontecimentos sucessivos com vontade planificadora.”⁸

Face a uma progressiva diminuição do papel do Estado na sociedade e na efectiva construção da cidade, afirma-se a iniciativa privada, o que se torna evidente sobretudo na questão da habitação, que se tornou um dos alvos preferenciais do investimento privado e da especulação imobiliária, que se rege pelas leis da oferta e da procura. A habitação torna-se um bem de consumo, ficando relegadas para segundo plano preocupações formais, espaciais e de relação com a cidade.

Assistimos neste contexto a uma multiplicidade de expressões e abordagens metodológicas. A cidade constitui um organismo em permanente mutação, palco de somas e confrontos de ideias de cidade que têm, na maioria das vezes, no ‘limite da intervenção’ o limite possível de uma ideia de cidade, que é contígua com uma outra, pela ausência de planos (e de poderes para os implementar), que permitam regular a construção e torná-la coerente com as intervenções vizinhas.

Sociedade e cidade

“A nossa é a primeira sociedade que se prepara para viver sem uma doutrina meta-histórica; os nossos absolutos religiosos ou filosóficos, éticos ou estéticos não são colectivos mas privados. Não podemos saber se as tensões e os conflitos produzidos por esta privatização

⁷ Rem Koolhaas “O mesmo processo de modernização conduz em cada lugar, a resultados diferentes, a novas especificidades, a novas singularidades.” in Alejandro Zaera, “El día después: conversación com Rem Koolhaas,” *El Croquis*, n.79, Madrid 1996, p.19.

⁸ Manuel Gausa, “Repensando a mobilidade”, “Forum internacional 1”, *Quaderns*, n.213, Barcelona 1997, p.16.



das ideias, das práticas e das crenças que tradicionalmente pertenciam à vida pública, não acabarão por comprometer a estrutura da sociedade.”⁹

Embora possa parecer uma banalidade afirmá-lo, é o modelo de sociedade em que estamos inseridos que gera os seus edifícios, as suas arquiteturas, e neste sentido, as suas cidades.

“A cidade dá forma concreta à sociedade e é intimamente congénita com esta.”¹⁰ ela é o reflexo de uma conjuntura política, económica, social, cultural e técnica que lhe é contemporânea. Quando essa conjuntura se altera de forma significativa, alteram-se os modos de vida da população e, simultaneamente, os modelos urbanísticos. Neste sentido, as transformações na cidade contemporânea reflectem a necessidade de encontrar respostas para novos modos de vida, que se têm vindo a alterar profundamente no último século e, de forma ainda mais clara, nas últimas décadas. Estes não rompem no entanto com os modos de vida tradicional, mas antes constituem uma evolução dos mesmos.

A heterogeneidade de modos de vida, de culturas, hábitos e costumes, fazem com que continuem a coexistir os tipos mais dispares de vida na cidade. E é a coexistência de uma diversidade de actividades, culturas e interesses, que origina a condição urbana contemporânea. “De facto, a cidade contemporânea (ou híbrida) que se vai perfilando como lugar da coexistência de múltiplas micro-comunidades, é a expressão, do reconhecimento da existência de várias identidades.”¹¹

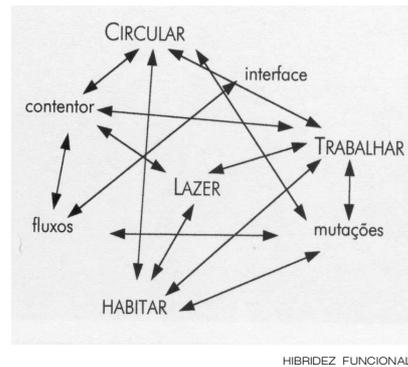
Tal como não se verificou o destino que o Movimento Moderno parecia preconizar para a cidade – que toda a morfologia tradicional seria abandonada e dela nada restaria - também os novos modelos urbanos mantêm com os anteriores, com as anteriores ideias de cidade, uma convivência (mais ou menos) pacífica, existindo como realidades paralelas, dando continuidade a tendências estruturais enraizadas.

A ideia da metrópole moderna e os princípios postulados na Carta de Atenas, as funções, habitar, trabalhar, lazer e circular, continuam a marcar a cidade contemporânea.

⁹ Octávio Paz, “Cos’è la modernità”, *Casabella* n.664, Fevereiro 1999.

¹⁰ Aldo Rossi, *A arquitectura da cidade*, Edições Cosmos, Lisboa 1977 (1ª Ed. 1966), p.23.

¹¹ Guido Giangregorio, “Crítica e projecto na cidade contemporânea: algumas conclusões preliminares”, *ecdj, Op. Cit.*, p.12.



Continuamos a lidar com estes temas na transformação e na construção do organismo urbano actual, entendidos no entanto de forma diferente, contemporaneamente interpretados, deixando de ser funções segregadas para se assistir a um processo de sobreposição e justaposição das mesmas, num sistema de relações que se tornou mais complexo e onde estas deixam de ter um lugar certo. “Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar” parece ser substituído por “Nada tem lugar fixo e tudo pode estar em todo o lado,” revelando uma grande flexibilidade e ‘promiscuidade’ na localização destas funções, numa diluição da cidade moderna, a que não é alheia a compreensão das ‘complexidades e contradições’ da arquitectura e da cidade.

A evolução da cidade para uma homogeneização ideal, prognosticada pelo movimento moderno, não se tornou realidade, e a cidade contemporânea, longe de poder ser lida como a cidade pré-industrial ou como qualquer outra cidade de limites relativamente precisos, não aceita a procura de um sistema paradigmático, que a defina como um todo unitário. Pelo contrário, resulta de experiências múltiplas e fragmentárias que se sobrepõem a anteriores estratos urbanos.

A ilusão da cidade como processo evolutivo, a crença no crescimento contínuo da cidade parecem ser hoje postas de parte na compreensão do organismo urbano como resultado de um processo não linear, cumulativo (a ideia da cidade fragmentada), fruto de várias intervenções e várias épocas, assente em camadas que se sobrepõem e que têm uma identidade própria.

Coexistem, assim, vários modelos de cidade que variam na sua distribuição geográfica e espacial. E se algumas estão já no limiar de uma nova ordem, dita da mobilidade, outras permanecem numa modernidade tardia ou ainda amarrados a períodos anteriores.

Assim, a cidade vai sendo o somatório de várias intervenções, de visões e utopias, de experimentação de modelos novos e velhos de construção de cidade, de modos de vida anteriores e actuais, resultando este processo numa multiplicação dos sistemas urbanos e numa diversificação das relações espaciais.

E esta compreensão é uma maisvalia e a única certeza com que abordar a construção da cidade na actualidade.

A condição sobremoderna – mentalidade contemporânea

Os anos 70 iniciam um novo ciclo determinante para uma nova realidade urbana, marcado por alterações políticas, económicas e culturais, que se instala definitivamente na década seguinte. Marcado por uma “liberalização global, ou seja, pela desenfreada massificação do individualismo,”¹²

A falência do Estado-Providência, a par com a alteração nas lógicas produtivas existentes e nos hábitos de consumo, num contexto de crescente protagonismo social e económico do sector de terciarização e serviços, (em detrimento do protagonismo que o sector industrial assumiu até há algumas décadas atrás), traduziu-se na globalização da economia nos anos 80. Numa altura em que se deslocam e desmaterializam os processos económicos esta deixa de estar localizada e vinculada a um lugar específico, o capital procura os cenários onde possa usufruir de melhores condições.¹³

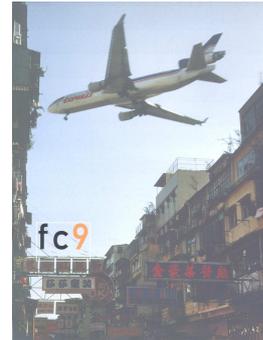
As cidades tornam-se no palco destas novas dinâmicas económicas múltiplas, deslocadas e inconstantes.

O fenómeno, pelo qual nada está vinculado a nenhum lugar em concreto deixa de ser um axioma económico e começa a manifestar-se na arquitectura e, conseqüentemente, na cidade.

O fenómeno da globalização, é de acordo com Ibelings, o tema que marca a nossa época e “exerce um influxo directo e indirecto sobre a mentalidade contemporânea.”

¹² Walter Rossa, “Cidade: o sonho de nero, o desenho, o comércio tradicional e outras provocações expressas de forma desordenada”, *ecdj, Op. Cit.*, p.19

¹³ Georges Soros refere-se neste contexto a um sistema capitalista global que se caracteriza não só pelo comércio livre, mas também, mais concretamente, pela liberdade de circulação de capitais. George Soros, *A crise do capitalismo global*, Círculo de leitores, 1998



Numa época em que as noções pós-modernas de lugar, contexto e identidade perderam, em boa medida, o seu significado, “o retorno do sujeito, da psicologia da percepção global, da experiência do vazio, das inevitáveis presenças da função e do lugar, do movimento e da ausência de qualquer tipo de limite parecem ter novas formulações no contexto actual.”¹⁴

Marc Augé situa esta nova realidade num estado de sobremodernidade. Um estado em que uma porção crescente do espaço que nos rodeia vai perdendo significado num reflexo claro de uma “superabundância” de espaço, de signos (o bombardeio ubíquo de informação) e “de individualização,” provocando “uma aceleração da história, uma retracção do espaço e uma individualização das referências que subvertem os processos cumulativos da modernidade.”¹⁵

A alteração das nossas experiências de tempo e espaço, resultantes da aceleração dos meios de transporte, conseqüentemente da mobilidade, e das inovações tecnológicas no âmbito das telecomunicações, traduzem-se na multiplicação das referências imagéticas e imaginárias, e atingem concretamente alterações físicas consideráveis, com o aparecimento de novos sistemas urbanos, marcados por novas dinâmicas urbanas, nos quais se alterou o modo como as pessoas se relacionam com o espaço e o lugar.

O espaço urbano actual sofre aceleradas mutações que não podem mais ser vistas desde a lógica de uma transformação e construção evolutivas.

Surgem novas estruturas - da mobilidade, do consumo, do lazer, e da habitação -, que se revestem de especial interesse como suporte dos novos modos de vida emergente, e reutilizam-se outras, anteriormente monofuncionais, que possuem, todas, uma grande flexibilidade para responder às sucessivas mudanças programáticas a que a cidade obriga (numa lógica em que, cada vez mais, “nada se perde e tudo se transforma”). Tratam-se de “processos com uma grande autonomia, nos quais a directriz principal procede do interior

¹⁴ Ignasi Solà-Morales, *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1995, p.16.

¹⁵ Marc Augé, *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Bertrand Editora, Venda Nova 1998 (Ed. Or. 1992), p.37

do próprio projecto mais que de exigências ou restrições estabelecidas pela envolvente previamente existente.”¹⁶

A produção do espaço urbano contemporâneo retoma, assim, em novos moldes, a complexidade funcional ‘maldita’ pelo Movimento Moderno e a cidade apetrecha-se com novos edifícios híbridos, nos quais são irrelevantes os efeitos de duração e de estabilidade¹⁷, que reúnem uma multiplicidade de programas e espaços, dando lugar a ocupações “mistas habitação – terciário – equipamento – transporte – ócio.”¹⁸

Esta condição sobremoderna afecta de forma particular o uso dos espaços públicos e semi-públicos, “quando estes são vistos menos como espaço social que como uma área que cada um explora de maneira individual.”¹⁹ Neste sentido, a identidade não é mais uma partilha colectiva, mas uma ilha ‘desejada’ individualmente.

De acordo com Ibelings, é a individualização das referências que marcam a sociedade contemporânea.

Paradoxalmente a identificação simbólica da cidade como lugar continua a ser possível, não podendo mais ser feita por referências à história e à memória colectiva mas por uma série de imagens que a condição actual apresenta, e portanto, legítima.

¹⁶ Ignasi Solà-Morales, “Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades”, *Op. Cit.*, p.13.

¹⁷ “Os lugares da arquitectura actual não podem ser permanências produzidas pela força da firmitas vitruviana.” Ignasi Solà-Morales, *Topografía de la arquitectura contemporánea*, *Op.Cit.*, p.16.

¹⁸ Manuel Gausa, *Op. Cit.*, p.15.

¹⁹ Hans Ibelings, *Op. Cit.*, p.65.



NOVA ORDEM EXPANSIVA

Limites, forma e condição central

Em termos físicos, o que marca hoje a cidade contemporânea é a perda dos seus limites e da sua forma, e uma dispersão da condição central, que tem hoje uma cartografia completamente diferente.

Não faz mais sentido falar de uma coroa de habitação regulada pela dinâmica de um centro, com o qual estabelece uma relação de dependência. A relação centro-periferia deixa de fazer sentido para designar um conjunto cada vez mais híbrido e complexo de relações.

O centro, que sempre constituiu um referencial de primeira importância na caracterização das aglomerações urbanas, “explicada pela conjugação locativa de vários atributos formais, funcionais e simbólicos,” vê-se hoje integrado numa rede mais vasta de centralidades, graças a uma centrifugação das funções que dotavam o centro do seu carácter polarizador. Um processo que “toca desigualmente os referenciais de centralidade, seja na esfera económica, cultural, político-administrativa, etc.”²⁰

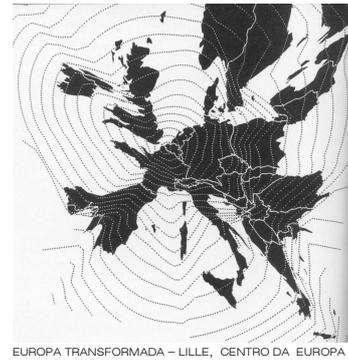
O conceito de *Megalopolis* de J. Gottmann (1961) “era já premonitório de uma “nova ordem urbana” expansiva, (o *suburban sprawl* americano), nebulosa, policêntrica, descontínua, estilhaçada, etc.”²¹

O processo de construção da cidade actual é feito de coalescências urbanas, organizado por eixos e no qual uma nova ordem, marcada pela densidade de relações (num território alargado e mais ou menos urbanizado), e pela distância-tempo (encurtada pelo automóvel e pelas redes de infra-estruturas da mobilidade e da comunicação), se sobrepuseram a uma ordem urbana anterior estruturada pela proximidade física, pela contiguidade do tecido construído, pela cidade compacta e pela oposição centro/periferia.

A legitimação social das políticas neo-liberais da urbanização regulada pelo mercado e pelos agentes privados, a par com a banalização do automóvel e das novas tecnologias de informação, as mudanças nos modos de vida, o aumento da capacidade de mobilidade, a

²⁰ Álvaro Domingues, “os novos mapas da cidade”, *ecdj*, *Op. Cit.*, p.35.

²¹ *idem.*, p.38.



emergência de novas actividades económicas, etc., alteraram as tradicionais lógicas de localização das funções, e catalisaram os crescimentos centrífugos e descontínuos e geograficamente extensos.

Termos como cidade-região, cidade-território ou cidade-dispersa procuram “conter” uma realidade que não se pode mais abarcar; uma cidade que cresce de forma extensiva e dispersa, que torna cada vez mais difícil, se não impossível, um conhecimento e uma compreensão clara da sua estrutura global e a percepção dos seus limites.

A cidade é formada por vastos espaços urbanizados, marcados por uma grande heterogeneidade (densidade e continuidade em paralelo com dispersão e descontinuidade), e produzidos por organismos urbanos “cada vez menos em relação hierárquica, cada vez menos ligados a situações de proximidade espacial ou contextual, mas pelo contrário, cada vez mais associados a dinâmicas deslocadas do tipo residência – produção – serviço – lazer.”²²

François Ascher propõe o termo *Metapole* para designar esta nova realidade, “que se inscreve não mais num território mas dentro de um conjunto de relações económicas, sociais e espaciais múltiplas,”²³ criando uma estrutura formada por sistemas pertencentes a uma “bacia única de emprego, de residência e de actividades,”²⁴ que podem não estar em contiguidade espacial.

Isto é, uma realidade onde o espaço passa a ser apenas o suporte físico, e, como anteriormente referimos, tudo se pode localizar em qualquer lado, desde que esse *qualquer lado* esteja muito *relacionado*. A proximidade mede-se agora em unidades de tempo, e estar *ligado a* tornou-se mais importante do que estar *próximo de*.

Reflectindo novas dinâmicas económicas que deslocam os seus mercados para espaços afastados dos centros tradicionais, assistimos a uma re-localização e reconfiguração de programas – de serviços, de transportes, de consumo, de cultura e de lazer (programas estes

²² Manuel Gausa, *Op. Cit.*, p.14.

²³ *idem*

²⁴ François Ascher, *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*, Edições Celta, Oeiras 1998, p.16.



MILFORD, CONNECTICUT. SUBÚRBIO "EDGE OF TOWN" APOIADO NUM GRANDE EQUIPAMENTO COMERCIAL.

que cada vez mais se misturam e sobrepõem, em função também de uma comodificação da cultura), a par com o surgimento de novos programas.

Neste contexto surgem novos ícones urbanos (arquitecturas de excepção com assinatura de autor), retirando o monopólio da representação simbólica aos edifícios patrimoniais e institucionais do centro tradicional.

Estes factos, a par com o crescente carácter nómada do habitante do espaço urbano (crescente mobilidade, complexidade dos movimentos pendulares, crescimento dos “utentes urbanos” não residentes, etc.), traduzem-se na pulverização da condição central, criadora de novas centralidades (polarizações) e de novos referenciais urbanos (iconografias) que “passam a ter uma relação tensa, misto de complementaridades e de concorrência com os centros tradicionais.”²⁵

“Os novos centros terciários que emergiram nos anos 80 – caso limite das “Edge-cities” dos EUA, os grandes complexos multifuncionais de comércio, serviços e lazer, as “aerocidades”, os novos pólos ou campus universitários, os centros logísticos associados aos principais nós do sistema da mobilidade, etc. -, constituem-se exemplos claros da reconfiguração e desmultiplicação de “centros.””²⁶

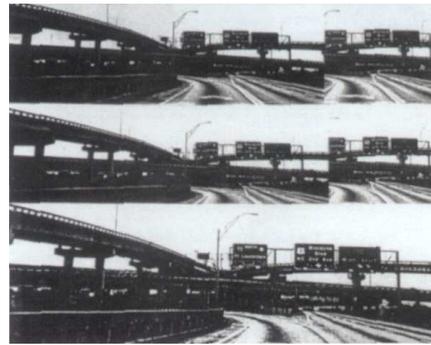
No fundo assistimos à passagem de uma periferia de carácter residencial para uma periferia como cidade limite.

No entanto a intervenção urbana não se vem fazendo só nas periferias, e o centro tradicional é alvo de iniciativas de reconfiguração e requalificação (que se traduzem muitas vezes em atitudes de patrimonialização), alimentadas por temas como o lazer, o turismo e a cultura.

Em suma, a cidade contemporânea, policêntrica e dispersa no território, resulta num somatório de periferias de dimensão variável, na medida em que se fragmenta em múltiplas unidades tendencialmente especializadas, onde as novas “centralidades periféricas,” a par

²⁵ Álvaro Domingues, *Op. Cit.*, p.36.

²⁶ *idem*



com as infra-estruturas que as relacionam, se constituem como elementos estruturadores do território.

É definitivamente uma realidade sem forma e sem limites definidos, uma realidade em constante mutação e expansão, alargando-se cada vez mais no território, num organismo onde “natureza e construção se confundem com paisagens mistas, ambíguas e imprecisas, fracturadas pelos traçados de infra-estruturas base.”²⁷

Mobilidade

As infra-estruturas adquirem na cidade contemporânea o estatuto de elementos estruturadores do território em que esta se converteu, elementos primordiais na sua conformação. No entanto o carácter não finito, fluido e difuso desta, é agravado pela justaposição e pela simultaneidade destas estruturas físicas de transporte, com as redes mais abstractas e invisíveis da comunicação. A mobilidade e as acessibilidades são os temas dominante na cidade.

A cidade contemporânea é a cidade da dinâmica, nó principal de uma vasta rede de fluxos,²⁸ onde a velocidade (que se deseja cada vez maior) e estas estruturas físicas e imateriais, reduzem, no espaço, o tempo entre funções, actividades e pessoas.

A dinâmica destes fluxos altera o carácter da relação espaço-tempo usada para equacionar distâncias entre funções na cidade moderna - as distâncias medem-se em unidades de tempo (de preferência tempo real) e exige-se cada vez mais os meios que permitam a aceleração nas ligações entre os espaços.

²⁷ Manuel Gausa, *Op. Cit.*

²⁸ A cidade, consoante a complexidade destas redes de ligações, posiciona-se numa hierarquia de cidades que já não é função do seu lugar num contexto nacional mas é antes vista a uma escala global (a ideia da cidade global de Saskia Sassen).

As redes de infra-estruturas de transportes que assumem um papel primordial na diluição da cidade, polarizando e tencionando o território urbano, especializam-se e ganham uma certa autonomia em relação à envolvente construída, e ao próprio território, numa releitura da função moderna *circulação*.

O que existe é no fundo um sistema de infra-estruturas que responde mais a preocupações técnicas e funcionais, e menos a preocupações espaciais e humanas. Estas são áreas de trânsito intermédias, que põem espaços em relação, e em relação às quais ninguém tem critérios definidos, aceitando-as como inevitáveis

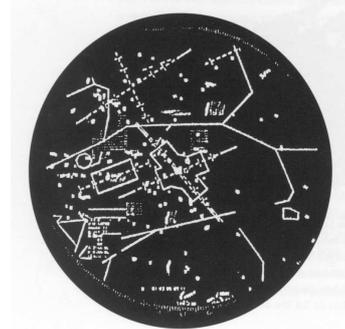
A sobreposição deste com os outros sistemas que constituem o aglomerado urbano - a (falta de) relação actual entre um sistema viário, o seu suporte e o edificado - cria uma série de situações de conflito, vazios e espaços intersticiais expectantes, que tornam a cidade descontínua espacialmente (para além de morfologicamente e funcionalmente).

Mas não é só o “automóvel” que altera os modelos comportamentais da sociedade pela deslocação das actividades sociais, também os novos meios de comunicação e as possibilidades oferecidas por um mundo informático em permanente evolução, podem alterar de alguma forma as relações sociais.

Javier Echevarría em “La vida doméstica en Telépolis, la ciudad global”, propõe uma Telépolis, uma hipótese de cidade que parece prognosticar o fim da vida doméstica como até aqui se vinha configurando, tornando-se um espaço altamente relacionado, ligado a todo o mundo através de uma rede de telecomunicações.²⁹ (No entanto devemos lembrar-nos que mesmo a internet não substituiu as relações pessoais e sociais, e o fim último de quem navega é o ‘contacto físico’).

Com o crescimento dos meios de circulação da informação estabelece-se uma rede que se sobrepõe à rede física da cidade, e que se revela de importância primordial para o seu

²⁹ Javier Echevarría, “As casas tenderão a ser o lugar de trabalho, e as cidades o lugar da descontracção.” in Javier Echevarría, “La vida doméstica em Telépolis, la ciudad global”, *Presente y futuros, Op. Cit.*, p.103.



FLUXOS DE INFORMAÇÃO NO CONTROLE DO ESPAÇO AÉREO

desenvolvimento pois condiciona de alguma forma também a localização das estruturas na cidade.

Assim, estar *ligado a*, mesmo que electronicamente, também se tornou mais importante do que estar *próximo de*. E, a integração de vários tipos de comunicação torna-se um elemento de atratividade fundamental na vida metropolitana.

O constante movimento de pessoas, veículos e informação implica, assim, uma alteração da estrutura da cidade uma vez que os espaços onde esse trânsito se pode desenrolar são um factor de urbanidade tão importante como os tradicionais espaços estáticos e chegam mesmo a ser o espaço público exterior por excelência, visto não como um espaço social mas como um espaço que cada um usa de maneira individual.

Augé propõe a designação de não-lugares, para se referir a “aqueles espaços pelos quais ninguém sente um apego especial e que não funcionam como pontos de encontro à maneira tradicional. Segundo Augé o mundo é cada vez mais conformado pelos não-lugares que são particularmente comuns no âmbito do transporte e do consumo.”³⁰

Neste contexto, os interfaces que asseguram a simultaneidade dos meios de transporte e comunicação, surgem como o ponto emergente e representativo do papel da própria cidade como nó principal nas redes de fluxos.

Ponto final

Embora não devamos esquecer que é a heterogeneidade de abordagens e de métodos que marca a questão da construção e conformação da cidade, a intenção foi apenas abordar algumas questões conceptuais contemporâneas que são recorrentes, e que, como referimos

³⁰ Hans Ibelings, *Op. Cit.*, p.65.

A compreensão de que estes não funcionam como pontos de encontro “à maneira tradicional,” é em nossa opinião o sinal mais evidente de que a cidade contemporânea deve deixar de ser entendida, e de tentar ser compreendida, à maneira tradicional.

inicialmente, entendemos como reflexo de uma condição metropolitana emergente. Uma “condição urbana” marcada pela complexidade dos territórios urbanizados e por uma nova dinâmica de evolução.

“A leitura e a intervenção por fragmentos, abre caminho ao sucesso dos “projectos urbanos”, espécie de microcosmos retirados da lógica macro-sistémica do vasto conjunto a que pertencem, ao mesmo tempo que se avolumam as dificuldades de leitura e de intervenção à nova escala alargada. Por sua vez, a arquitectura confina-se cada vez mais a objectos, autores e programas de excepção, criadores dos novos ícones de referência urbana nos centros, nas periferias, nos centros periféricos ou na periferia dos centros.”³¹

³¹ Álvaro Domingues, *Op. Cit.*, p.38.

(Alguma) grande dimensão contemporânea

Percursos e antecedentes da grande dimensão contemporânea

A abordagem

“Há cem anos, uma geração de inovações conceptuais e tecnologias de suporte libertaram um ‘*big bang*’ arquitectónico. Dotando as circulações de aleatoriedade, curto-circuitando distâncias, artificializando interiores, reduzindo a massa, esticando as dimensões, e acelerando a construção, o elevador, electricidade, ar-condicionado, aço e finalmente, as novas infraestruturas formaram um conjunto de mutações que induziram uma outra espécie de arquitectura. Os efeitos combinados destas invenções foram estruturas mais altas e mais profundas – maiores que alguma vez, com um potencial paralelo para a reorganização do mundo social –, e uma programação muito mais rica.”¹

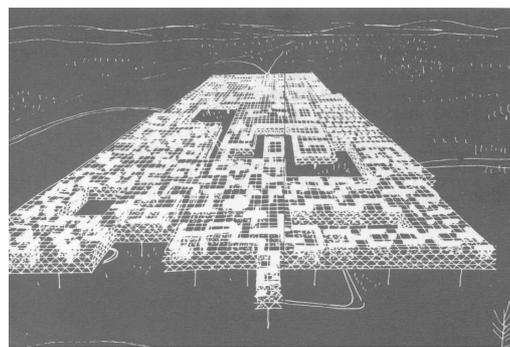
Procura-se neste capítulo identificar alguns dos factores que, pensamos, estiveram na origem dos edifícios de grande dimensão, que os tornaram possíveis e materializáveis. Encontrar, enfim, reflexos presentes no passado.

A grande dimensão contemporânea encontra as suas origens nas megaestruturas dos anos 60 e 70, e é também marcado pelo arranha-céus americano.

Neste sentido, abordamos as megaestruturas enquanto precursoras, não só de uma imagem e de uma visão utópicas, mas também, da ideia de multifuncionalidade, da ideia da cidade dentro da cidade, e do grande edifício como elemento de referência na malha urbana, ideias que parecem hoje marcar o tema da grande dimensão.

Por outro lado, a componente tecnológica, que marca uma parte da produção da grande dimensão contemporânea, pode também, em nossa opinião, encontrar fortes influências no mesmo período.

¹ Rem Koolhaas, *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997, p.497.



URBANISMO ESPACIAL – YONA FRIEDMAN, 1960

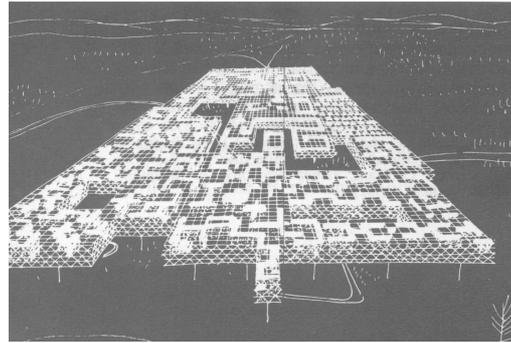
No entanto, as megaestruturas seriam mais o resultado de uma soma de parcelas, do que um sistema que pudesse ser visto como um todo. A infinita capacidade de expansão, que o conceito tem implícito, exclui a genuína neutralidade que marca a grande dimensão contemporânea, e que é realizada sem esforço no arranha-céus americano.

É esta visão do todo, esta possibilidade de abarcar uma multiplicidade de funções num só “contentor,” a par com o divórcio progressivo entre a fachada e o seu interior, que nos levam a debruçar sobre o arranha-céus enquanto percursor da grande dimensão contemporânea.

Se numa primeira fase o arranha-céus foi o resultado da multiplicação do número de pisos entre a “base” e a “cornija,” marcado por um carácter monofuncional, ele vai progressivamente sofrendo alterações ao nível da sua imagem, conformação e uso. De acordo com Oechslin, é esta possibilidade, de ser lido como um todo, que traduz sem esforço a forma monumental do arranha-céus, e que terá chamado a atenção para a grande dimensão como um tema arquitectónico de direito próprio.²

Há, no entanto, uma série de outras construções e imagens, que marcam, de uma maneira ou de outra, a ideia de grande dimensão contemporânea – influências ao nível da forma, do uso, do conceito, do arrojo técnico, etc.- e que optámos por abordar como *flashes*, *instantâneos*, figuras e textos, que apelam, no fundo, ás nossas (vossas) *imagens evocadas*. Assim, tal como as imagens, o texto procura apenas apontar, adicionar alguma informação, ou indiciar em que medida as considerámos. Percursos e antecedentes, mais afastados, ou não, ma nem por isso menos importantes, o que se segue é a discussão sobre uma mão cheia de influências.

² Werner Oechslin, “Beyond a certain scale, or Titan in slippers,” *Daidalos*, n.61, Munique Setembro 1996, p.17.



URBANISMO ESPACIAL – YONA FRIEDMAN, 1960

Megaestruras e arranha-céus (os antecedentes próximos)

“The megastructure is a large frame in which all the functions of a city or part of a city are housed. It has been made possible by present day technology. In a sense it is a man-made feature of the landscape.”³ Fumihiko Maki, 1964.

Os anos 60, marcam provavelmente um dos momentos chave de uma crise do pensamento arquitectónico – desenvolvem-se as posições tipo-morfológicas em ruptura com o Movimento Moderno -, coincidindo com um período de recuperação e de maior estabilidade económica, e com a definição de uma sociedade de consumo, vinculada ao desenvolvimento do sector terciário, factores que fazem crescer desmesuradamente as metrópoles modernas.

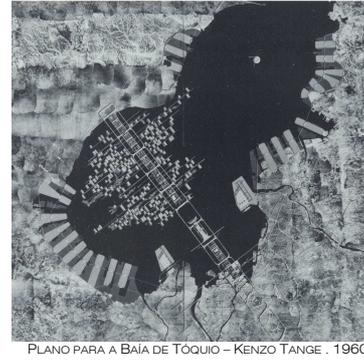
Neste contexto, marcado pelo optimismo tecnológico – pelas novas tecnologias, pela robótica, pela mobilidade e pela generalização dos sistemas de comunicação –, nasce uma nova vanguarda que partilha “a confiança, e também a exigência, de que é possível e necessário mudar tudo.”⁴ Esta, recusa a metodologia racionalista do zoning e esquece o elemento arquitectónico à escala tradicional, em benefício “do dado tecnológico, do tema dos grandes números e do apelo a novos símbolos e mitos:”⁵ da megaestrutura.

Embora marcada por várias definições, mais ou menos abrangentes, o conceito de uma estrutura dominante, de grande escala, contendo instalações subordinadas e transitórias é a discriminação que percorrerá toda a história das megaestruturas desde a sua emergência até à sua decadência nos anos 70.

³ Fumihiko Maki, in Reyner Banham, *Megastructure. Urban futures of the recent past*, Thames and Hudson Ltd., London 1976, p.8.

⁴ Ignasi Solà-Morales, “Fer la ciutat, fer l’arquitectura,” *Visions urbanes*, Electa, Centre de Cultura contemporània de Barcelona, Barcelona 1994, p.402.

⁵ Renato de Fusco, *Historia de la arquitectura contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid 1992, p.493.



PLANO PARA A BAÍA DE TÓQUIO – KENZO TANGE . 1960

Este foi, por uma década, um dos conceitos progressivos dominantes de arquitectura e urbanismo, representando a possibilidade de dar sentido a uma “condição arquitectonicamente incompreensível nas cidades do mundo,”⁶ de resolver os conflitos entre desenho e espontaneidade, o grande e o pequeno, o permanente e o transitório. A megaestrutura aportava assim ao debate a possibilidade da espontaneidade urbana que havia já sido debatida no CIAM de 1951, anunciando o fim da reivindicação moderna da responsabilidade pelo desenho de todo o ambiente humano.

A preocupação subjacente ao conceito de megaestrutura, era sobretudo a de dar resposta ao aumento crescente da população em ambiente urbano, procurando perspectivar soluções arquitectónicas eficazes para o grande número, não existindo, porém, um projecto social ou político, como na estruturação do Movimento Moderno.

Deste modo, a cidade é conformada por projectos “a nível intermédio entre a urbanística e a arquitectura,”⁷ tornando-se num imenso edifício ou colecção de grandes edifícios, criados pela agregação de fogos absolutamente industrializados, muitos deles tão móveis como “uma caravana,” colocados em grandes estruturas que os suportam, frequentemente, sobre uma natureza intacta, apenas atravessada por vias de trânsito rápido.

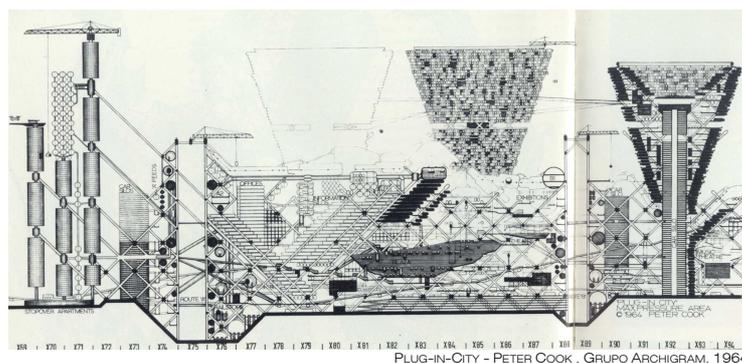
As propostas que surgem neste quadro são marcadas por uma grande radicalidade e por um carácter utópico.

As grandes megaestruturas urbanas seriam capazes de suportar todos os equipamentos e de gerar todo o ambiente de uma comunidade, ultrapassando os conceitos de sistematização e pré-fabricação, pela produção em série de artefactos destinados à habitação, que tal como os objectos e os veículos, são encarados como produtos destinados ao consumidor, colocando a arquitectura ao nível de qualquer outro objecto numa sociedade de consumo.

Neste contexto sucedem-se as propostas de megaestruturas, uma espécie de suporte técnico que “tudo-abarca,” “tudo-possibilita,” e que, em última instância, questiona o estatuto do edifício individual.

⁶ Reyner Banham, *Op. Cit.*, p.10.

⁷ Renato de Fusco, *Op. Cit.*, p.493.



O conceito de *Urbanismo Espacial*, que Yona Friedman apresenta em 1958 é emblemático. Uma megaestrutura metálica tridimensional, a preencher de acordo com a vontade individual de cada habitante, flutua sobre Paris, permitindo a justaposição, e até a sobreposição de bairros, e prometendo potencial ilimitado para tudo.

O trabalho desenvolvido pelo grupo Metabolista, japonês, criado em 1960 pela influência de Kenzo Tange, tem uma relação estreita com a questão do superpovoamento do país e, principalmente, da cidade de Tóquio. Perante o crescente caos urbano, os Metabolistas idealizam propostas de unidades residenciais móveis, estruturas helicoidais, cidades que se expandem para o mar e cidades aéreas, transpondo para a escala da cidade a exaltação tecnológica de cada edifício, que era pensado como um sistema de agregação de cápsulas residenciais, normalizadas, com dimensões mínimas.

O plano de 1960 para a Baía de Tóquio de Tange, sintetiza o modo como este grupo equacionava as questões da mobilidade, da tecnologia e das megaestrutura com um novo modelo urbano, antecipando de certa forma uma possibilidade de abordagem à questão da construção da cidade actual, onde, de acordo com Frampton, a única possibilidade de obter significantes culturais é através de “domínios poéticos fechados em contraste com a desordem aleatória do “Non-Place Urban Realm.””⁸

As propostas e as ideias do grupo Archigram, que encontram pontos de contacto com os metabolistas japoneses, representam, de algum modo, a vontade de recuperar o espírito pioneiro de ruptura das vanguardas dos anos 20 e em especial dos futuristas italianos. A sua produção traduz-se em projectos radicais e imagens tecnológicas, caracterizadas por uma contundente ironia e por uma relação estreita com a arte pop inglesa, anunciando a contribuição de outras áreas na imagem da estrutura urbana.

As propostas deste grupo vão desde as células produzidas em série, descartáveis, até modelos de cidade construídas a partir da agregação desses módulos, de acordo com as necessidades individuais de cada habitante, constituindo a plug-in city, de Peter Cook,

⁸ Kenneth Frampton, *Historia crítica de la Arquitectura Moderna*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1993, p.288.



WALKING CITY – RON HERRON, GRUPO ARCHIGRAM, 1964

elaborada entre 1962 e 1964, e a Walking city, de Ron Herron, do mesmo período, os exemplos mais emblemáticos da produção destes.

A plug-in city era baseada nos conceitos de mobilidade e interconexão, podendo as células habitacionais ser encaixadas, desencaixadas, e deslocadas entre estruturas. A cidade ia-se construindo como um organismo vivo pela agregação de novas peças a uma base comum, a megaestrutura. Na Walking City, a questão da mobilidade é extrapolada e levada ao limite, constituindo-se como uma estrutura nómada, que procuraria a sua localização indistintamente entre o território ou o mar.

Numa altura em que os procedimentos do planeamento social e estatístico eram sentidas como estando a dissolver o sentido da cidade como um artefacto físico, e o planeamento parecia estar a afastar-se da arquitectura, estas estruturas sugeriam que a arquitectura e as suas capacidades eram ainda relevantes para o futuro da cidade. À maneira de ‘desenho urbano’, o exercício da arquitectura a uma escala muito grande podia ligar o vazio, a lacuna, entre o edifício isolado e o seu contexto urbano desintegrado.

O mais persistente significado ou motivação para as megaestruturas era que, apesar da sua extensão e incerteza de limites, a pura concentração de actividades traria um fim à situação em que “o enorme, descontrolado e disperso caos que agora chamamos cidade está a chocar a nossa civilização.”⁹

A ‘cidade como um único edifício’ tornou-se um conceito imaginável e a megaestrutura a sua forma, marcada por uma nova linguagem tecnológica “que se converteu numa referência básica da arquitectura contemporânea.”¹⁰

Mas as grandes dimensões e a intenção utópica inerente nascem aqui a partir de um processo puramente aditivo - completamente semelhante ao dos racionalistas do período entre guerras - e não de uma visão global e arquitectónica das megaestruturas.

⁹ Reyner Banham, *Op. Cit.*, p.199.

¹⁰ Kenneth Frampton, *Op. Cit.*, p.286.



EMPIRE STATE BUILDING – O SÍMBOLO QUINTESSENCIAL DE MANHATTAN 1931

Michael Sorkin refere, a este respeito, que “aquela fantasia morreu atravancada na banalidade da sua visão formal, os custos de transladar tanto peso, e um mercado que não estava preparado para que a propriedade fosse tão móvel.”¹¹

Como anteriormente referimos, a pura expansividade excluía a neutralidade genuína realizada, sem esforço, no arranha-céus americano, e a flexibilidade, resultante de espaços onde qualquer coisa era possível, “foi desmascarada como a imposição de uma média teórica às custas tanto de carácter como de precisão.”¹²

Os arranha-céus

São, como referimos no início, a par com as megaestruturas, os principais percussores da grande dimensão actual.

O arranha-céus surge na segunda metade do século XIX, em Chicago, e é depois incorporado triunfalmente à imagem de Manhattan, motivado, em ambos os casos, por vorazes ambições comerciais; num quadro em que o sector terciário irá assumir um crescente protagonismo, em detrimento do sector secundário, começando a traçar-se um cenário pós-industrial.

Embora haja referências anteriores a construções em altura, esta só se generalizou a partir do momento em que surgiram os meios técnicos que permitiram libertar a construção das restrições, que a (in)capacidade do homem para subir escadas impunha. O desenvolvimento das estruturas de aço ligeiras, a invenção do elevador e do ar-condicionado, a par com o preço do solo e a vontade, primordial, de construir mais alto foram os factores que “cozinharam” esta generalização, o céu tornou-se literalmente o limite.

¹¹ Michael Sorkin, “La cantinela del contenedor”, *Presente y futuros. Arquitectura en las ciudades*, Edición Comitè d’Organització del Congrés UIA Barcelona 96, Col·legi d’Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996, p. 219.

¹² Rem Koolhaas, *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997, p.505.



SEAGRAM BUILDING – A POSSIBILIDADE DE SER LIDO COMO UM TODO

O arranha-céus surgiu inicialmente da multiplicação do número de pisos, sem que se percebesse o problema estético que implicava.

É através da fotografia que, em Nova Iorque, primeiro se aceita a vertiginosa altura dos novos edifícios, originando uma situação peculiar em que a aceitação da cidade como imagem é anterior à aceitação daquela como realidade¹³, influenciando as formas de perceber a Metrópole, inventadas pela máquina fotográfica, e o modo como se representavam e percebiam outros fenómenos urbanos.

A presença do arranha-céus coloca, assim, novos problemas para a arquitectura: “o princípio de identificação e a relação entre interior e exterior.”¹⁴

Desde o início se coloca o problema de diferenciação no contexto de uma cidade feita de outros arranha-céus: o tema do reconhecimento torna-se crucial desde o momento em que o princípio de individualização do novo edifício comercial constitui uma parte integrante do seu êxito. “Num arranha-céus como num *totem*, o tema da fisionomia soma-se à busca de uma forma da verticalidade num dilema estilístico.”¹⁵

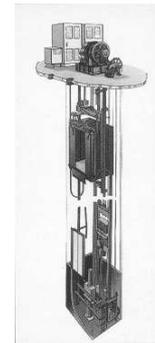
Igualmente inédito é a questão da relação entre interior e exterior. Ambas as experiências se encontram aqui pela primeira vez completamente separadas. Visto do exterior o arranha-céus é um objecto completamente inexpressivo dos seus espaços internos, representando a sua superfície e o seu volume externos, um valor em si, independente tanto das funções como da conformação interna real.

A invenção da parede-cortina representa uma situação de compromisso, entre a procura de uma estrutura de inter-relação, e a vontade de liberdade em relação a qualquer marcação que lhe era conferida pelos diferentes pisos. Mesmo a parede envidraçada deve entender-se neste contexto, como possibilidade de tratar a fachada com alguma autonomia e num gesto “único,” e não como um qualquer artifício para recuperar a relação entre o interior e o exterior.

¹³ Também o espaço renascentista, em Portugal, é percebido e experimentado primeiro na escultura.

¹⁴ Pierluigi Nicolin, “La quarta tipologia,” *Presente y futuros. La arquitectura em la ciudad*, Barcelona 1996, p.227.

¹⁵ Pierluigi Nicolin, *Op. Cit.*, p.227.



GEARLESS TRACTION ELECTRIC ELEVATOR 1903

Mas para além de percussores de uma visão unitária, é também ao nível da mistura de usos que estes são pioneiros pois só inicialmente é que o arranha-céus é monofuncional.

O *Auditorium Building*, de Adler and Sullivan, construído entre 1887 e 1889, constituía já uma primeira ideia de mistura de usos, associando uma dimensão vertical a uma outra, horizontal, a grande nave. Continha para além do teatro, espaço comercial e um hotel.

A adopção de um novo elemento no interior do arranha-céus, o elevador, veio no entanto exponenciar esta possibilidade, resultando numa experiência nova

O ascensor abre assim caminho “à eclética multifuncionalidade do arranha-céus: a nova e simples acessibilidade permite a distribuição na vertical, numa sucessão aparentemente sem limites: apartamentos, escritórios, cinemas, ginásios, clubes, salas de reuniões, etc.”¹⁶

A ascensão veloz dentro de uma cabina aberta, como sucedia até aos anos vinte, altera de forma radical as condições de desfrute do edifício e introduz uma dimensão cenográfica na percepção do espaço interno, conferindo também, alguma complexidade visual aos átrios.

A sucessão vertical dos espaços substitui a sucessão em horizontal dos espaços tradicionais, alterando-se também a distribuição dos valores de posição convencionais e, conseqüentemente, os critérios de uso. O topo passa a ser o mais importante e o emblema do edifício, numa hierarquia decrescente a partir daí até ao solo, onde o átrio de entrada adquire um carácter, progressivamente, público.

O arranha-céus, o edifício em altura, é, no entanto, proposto pela primeira vez, como elemento chave, na ideia de cidade do Movimento Moderno, embora aqui marcado por uma zonificação de funções, o que representa uma involução relativamente à complexidade do “edifício americano.”

Como refere Koolhaas: “Em 1978, Bigness parecia ser um fenómeno de e para (os) novo(s) mundo(s). Mas na segunda metade dos anos 80, multiplicaram-se os sinais de uma nova vaga de modernização que podia engolir – de forma mais ou menos camuflada – o velho

¹⁶ Pierluigi Nicolin, *Op. Cit.*, p.228.

mundo, provocando fenómenos de um novo começo mesmo no “velho” continente “acabado.””

Instantâneos

“Talvez esteja agora a pensar na sua tia Maria, na Torre Eiffel, na voz do Plácido Domingo ou naquilo que acabei de dizer (...). Qualquer desses pensamentos é também constituído por imagens, independentemente de serem compostas principalmente por formas, cores, movimentos, sons ou palavras faladas ou omitidas. Essas imagens, que vão ocorrendo à medida que evocamos uma recordação do passado, são conhecidas como *imagens evocadas*, para poderem ser distinguidas das imagens de tipo preceptivo.”¹⁷

“A natureza das imagens de algo que ainda não aconteceu, e que pode de facto nunca vir a acontecer, não é diferente da natureza das imagens de algo que aconteceu e que retemos. Elas constituem a memória de um futuro possível e não do passado que já foi.”¹⁸

¹⁷ António Damásio, *O erro de Descartes*, Publicações Europa-América, Lda., Men Martins 1997, p.112.

¹⁸ António Damásio, *Op. Cit.*, p.113.

Torre de Babel,
num quadro de Pieter Bruegel,
(c1546 d.C.)

O primeiro grande edifício da mitologia,... a ideia mítica da construção da cidade num único edifício.

“...a alegoria de um esforço secular da humanidade para construir a racionalidade em todos os seus aspectos.”

“vamos construir uma torre que chegue ao céu para espantar os povos.” (os babilónios)



As Pirâmides de Gizé,
Miquerinos (c. 2470 a.C.),
Quefren (c. 2500 a.C.) e
Quéops (c. 2530 a.C.),
Egipto.

As grandes pirâmides do Egipto capturam a imaginação... a arquitectura reflexo do poder dos faraós, os descendentes do deus sol

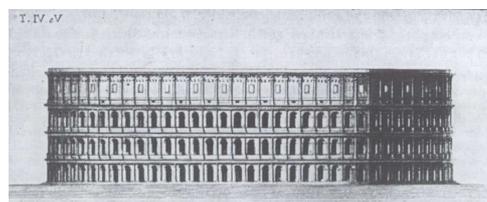
“... materialização impressionante da divindade real, as pirâmides marcam o momento em que a escala monumental foi pela primeira vez manipulada para o seu poder expressivo.”



Coliseu de Roma,
(72-80 a.C.), Itália.

Roma, a cidade das grandes dimensões, cúmulo de arquitecturas que dão forma a gestos de poder.

“Em Roma o simbolismo caiu, tudo é grande.”



Catedral de Chartres,
(1145 1220), França

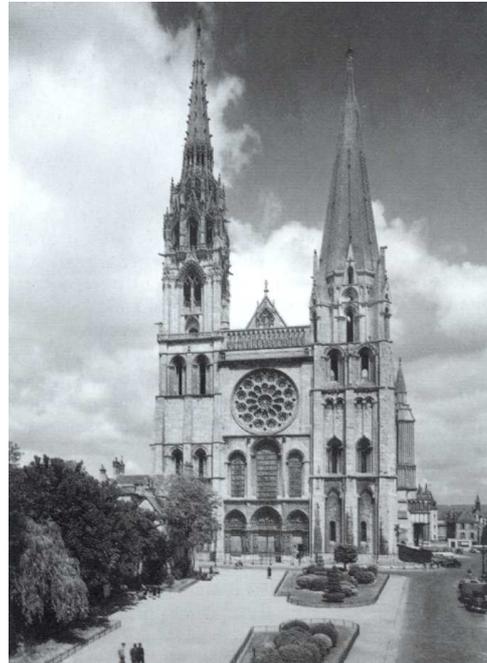
“A grande dimensão foi sempre um rasgo importante nos edifícios religiosos, como expressão de toda a carga simbólica e espiritual que os mesmos contêm. Esta síntese mágica de espaço e estrutura para orquestrar um sensação do divino foi refinada pelos construtores das catedrais góticas.”

“Filigrana em pedra.”

“Construção em esqueleto... a nervura que identifica o caminho das forças... a energia (ou a luz) que assim é possível identificar.”

Tornada possível pela invenção do arcobotante, que libertou as paredes do seu papel de suporte de cargas e permitiu que fossem rasgadas para que a luz pudesse entrar.

A igreja abre-se ao povo e desenha-se para receber multidões...



Catedral de Florença,
Iniciada 1296, cúpula de Filippo
Brunulleschi (1420-36), Itália.

A relação do edifício com a cidade... ainda hoje, se assume como referência na cidade.

A cúpula da Catedral de Florença representa o uso dos limites das tecnologias da época... “A cúpula caiu uma série de vezes antes de ser erguida!”



São Pedro de Roma,
nave e fachada de Carlo
Maderno (1607-15), Colonata
de Gianlorenzo Bernini
(1657), Itália.

Heinrich Wofflin comparando os projectos de Bramante e Miguel Ângelo para São Pedro, notou: “O espírito barroco procura o esmagador, o pesado. Podemos falar do efeito patológico desta imensidade.”



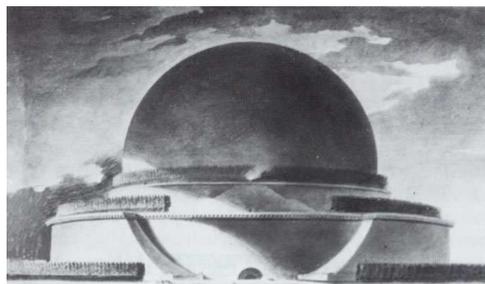
Palácio de Versailhes,
Louis Le Vau e Jules
Hardouin-Mansart (1669-85),
Paris, França.

“Mesmo gigantismo para o edifício e para o jardim que se assume pela primeira vez como espaço social, passa a ser espaço de uso além de espaço de contemplação.”



Étienne-Louis Boullés,
Projecto para monumento a
Issac Newton (1784).
(não construído)

As imagens megalómanas... “Desde a sua descoberta nos anos 20, Boullée inspirou a imaginação moderna precisamente com respeito à grande dimensão e massa.”



“C'est par les effets que produisent leur masses sur nos sens que nous distinguons les corps légers des corps massifs.”

Crystal Palace,
Joseph Paxton, Londres
(1851), Inglaterra.

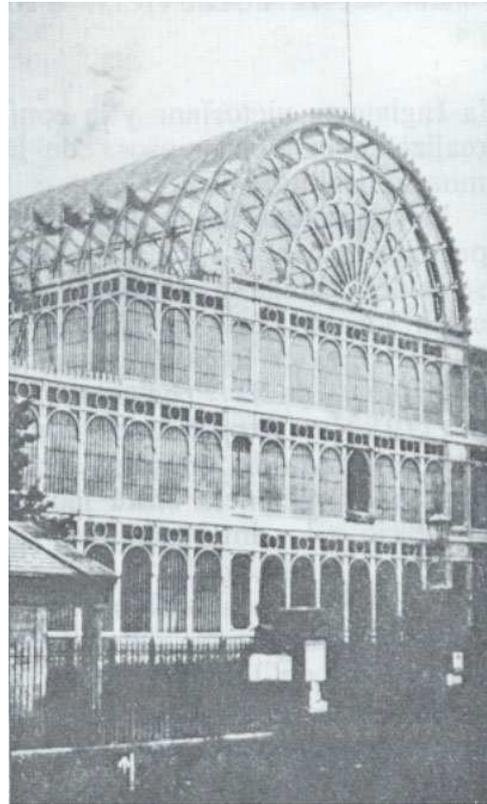
Concebida para alojar a primeira das exposições internacionais.

o desafio “construtivo” do grande “vazio”... a expressão mais pura do espaço...

“Esta obra reúne dois componentes da cultura do séc. XIX: a busca de uma relação entre natureza e tecnologia e a intenção de oferecer uma resposta, no momento em que começa a manifestar-se, o fenómeno da estética comercial e do consumo de massas (a galeria comercial).”

A ideia de um debilitamento do estatuto tipológico e material da arquitectura, assim como a exibição de uma inquietante indeterminação funcional, mostram com maior precisão a emergência dos caracteres com que tentamos definir a noção de “contentor.”
(Pierluigi Nicolini)

“Não somos capazes de apreender este edifício... julgar as suas dimensões reais.”



Familistério de Guise,
(1862) Guise.

“O pátio coberto como antevisão da “cidade” coberta... ou a interiorização do espaço exterior... e a estrutura “transparente” que autoriza a ambiguidade e permite o jogo de conceitos...”

O condensador social, a acumulação de funções...

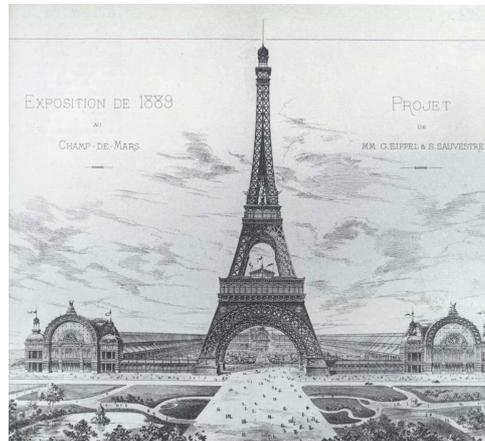


Exposição de 1889 Paris, Paris, França.

... as grandes exposições internacionais que se sucederam até aos nossos dias.

O desenho para a porta da exposição de Paris... a Torre Eiffel.

Os cem anos sobre a Revolução Francesa



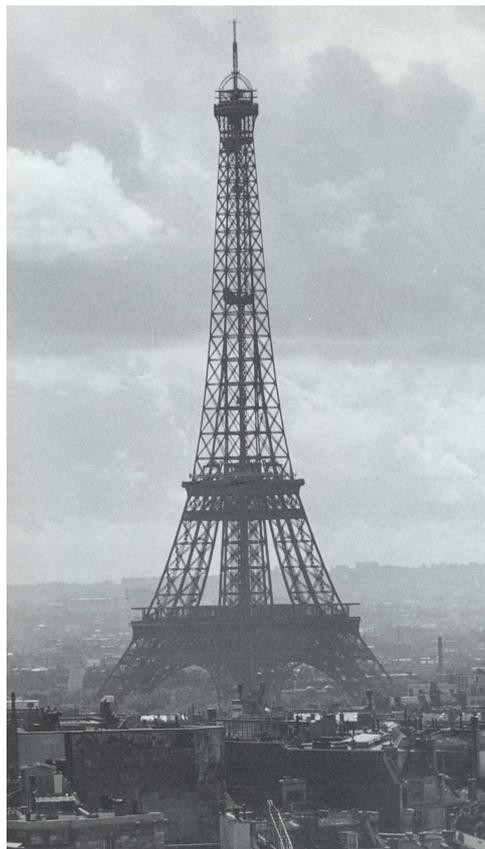
Torre Eiffel, Gustavo Eiffel, Paris (1889), França.

A família das formas... a estrutura contínua das formas e das estruturas... a escala e a dimensão na construção e na caracterização da imagem.

A Exposição de Paris inaugurou um género. Nunca a grandiosidade de um projecto fora tão longe... a Torre Eiffel immortalizando a engenharia do ferro deixou os visitantes atónitos.

A silhueta mítica da Torre Eiffel com os seus 300 metros de altura permanece como o mais imperecível dos legados de uma exposição universal... assimilou, aliás, o estatuto de objecto de veneração, como supremo *ex-libris* da capital francesa.

Pretende desde o início ser o ícone da exposição... consciência do valor simbólico conferido pela dimensão não do edifício, mas também do uso da tecnologia.



Auditorium Building,
D. Adler e L. Sullivan,
Chicago (1887-89), EUA.

A mistura de programas.

... outro dos edifícios mais significativos de Chicago pela sua multifuncionalidade (continha, além do teatro, espaços comercial e um hotel).



Mercado coberto do Matadouro da Cidade Industrial,
Tony Garnier, Lyon (1909),
França.

A estrutura “em esqueleto” depurada... a capacidade para abrigar “objectos” e funções diferentes.

A dimensão explorada pela tecnologia, independentemente do uso.



Pennsylvania Station,
(1911).

O modelo estrutural generalizado para a cobertura de grandes espaços como as estações públicas de caminho-de-ferro, salas de exposições e bibliotecas públicas... O carácter referencial destes... A importância dos meios de transporte colectivos e a necessidade de acolher multidões.

Intenções de reprodução mimética de elementos “urbanos” no interior de edifícios destinados a subtrair esses mesmos elementos à cidade



Singer Building,
(1908).
(já demolido)

Anunciava a construção do arranha-céus como símbolo do capitalismo.

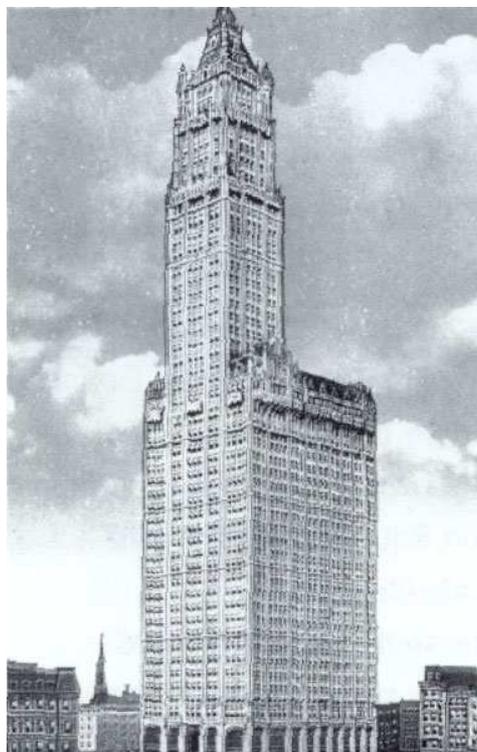
“Embora possamos afirmar que o arranha-céus se desenvolveu na multiplicação do número de pisos inseridos entre a base e a cornija, uma visão do conjunto traduz sem esforço a forma importante, monumental, do arranha-céus. Foi esta visão do todo que chamou a atenção para a grande dimensão como um tema arquitectónico de direito próprio.”
(Werner Oechslin)



**“The Cathedral of
Commerce”**
Woolworth Building, Cas
Gilbert, New York (1913).

“Mas este “glorioso todo, muito para além do controlo da imaginação humana,” é apenas uma realização parcial do potencial do arranha-céus. É uma obra-prima apenas do materialismo: nenhuma das promessas programáticas do novo tipo são exploradas. O Woolworth é cheio, de alto a baixo, por negócio”

“Para além (e apesar) da decoração... o (já) saber desenhar uma estrutura alta assumindo a (pura) repetição.



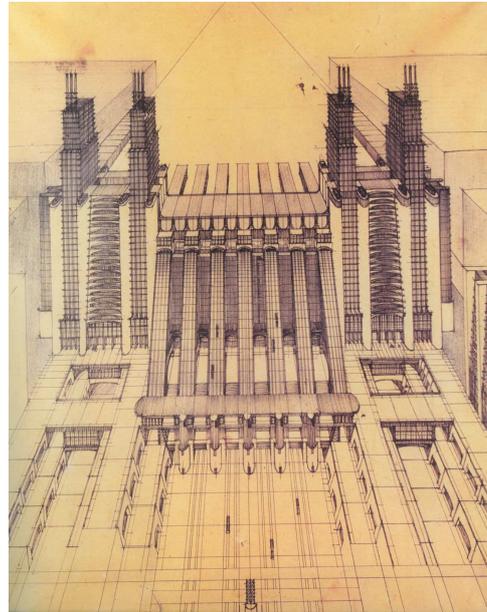
Antonio Sant'Elia,
Aeroporto e Estação
ferroviária com carros
eléctricos e elevadores
em três níveis de rua, (1914).
(não construído)

“Tal como os antigos obtiveram a
inspiração para as artes do mundo da
natureza... devemos obter a nossa do
ambiente mecanizado que criámos.”

Em 1914 o arquitecto Antonio
Sant'Elia exibiu dezasseis desenhos
que acompanhavam o seu *Manifesto
de arquitectura futurista*.

Este proclamava que a nova cidade
“se ergueria na beira do tumultuoso
abismo”... Inspirada pelo arrojo e
simplicidade da máquina, os
aglomerados de grande altura seriam
“construídos dos impermanentes
materiais da era moderna – betão
armado, vidro, ferro, cartão, fibras
têxteis”...

Cada pedaço de espaço seria
“utilizado acima e abaixo do solo e
em múltiplos níveis de circulação.”



Antonio Sant'Elia,
Estudo para a nova estação
ferroviária em Milão (1914).
(não construído)

Embora Sant'Elia nunca tenha
construído a sua estética e ideias
arrojadas influenciaram muitos,
nomeadamente Le Corbusier.

A antevisão de uma “arquitectura
radical.”



Ville Contemporaine pour 3 millions d'habitants,
Le Corbusier (1921-22)
(estudo)

... Homem, natureza e máquina podiam existir em harmonia.

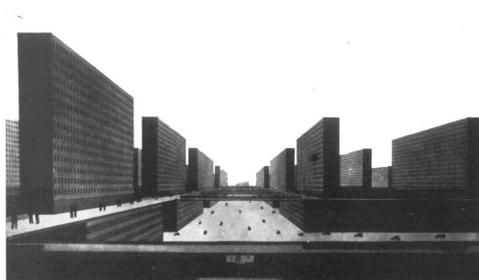
...uma proposta de cidade onde Le Corbusier tornava central um tipo arquitectónico para a associação de vários géneros de transportes, já esboçado nalgumas cidades desse tempo, nomeadamente Nova York.



Cidade Vertical,
com planos a múltiplos níveis
Hilberseimer, (1924).
(Estudos)

Estes edifícios albergam, para além da habitação, outras actividades e serviços complementares a esta, o que permite falar de “uma versão moderna do familistério de Fourier.”

A exploração da interiorização... a máxima utilização do espaço público/colectivo interior... precursor dos edifícios mixed-use.



Cidade Vertical,
com planos a múltiplos níveis
Hilberseimer, (1924).
(Estudos)

... solucionar o problema da circulação urbana através da construção de edifícios multifuncionais em altura, o que significa encarar a resolução da cidade numa perspectiva tridimensional.

...a cidade definida em dois níveis funcionais e arquitectonicamente diferenciados.



Hugh Ferris,
no seu estúdio (anos 20)

A importância das outras artes na veiculação de imagens arquitectónicas... a aceitação do edifício como imagem, através da fotografia, foi anterior à sua aceitação como realidade.

Hugh Ferris publica em 1929 o somatório do seu trabalho, *The Metropolis of tomorrow*. Série de quadros que marcam definitivamente a imagem dos arranha-céus.



Fritz Lange,
Metropolis (1926)

O arquitecto Fritz Lang é mais conhecido pelo seu filme mudo clássico de 1926, *Metropolis* que incluía a visão de uma cidade futurista, uma utopia de cidade. Na cidade de ficção científica Louca de Lang, as massas vulneráveis seriam controladas por máquinas e conduzidas pela tecnologia.



Buckminster Fuller,
Cúpula Geodésica sobre Nova Iorque (1927).
(não realizado)

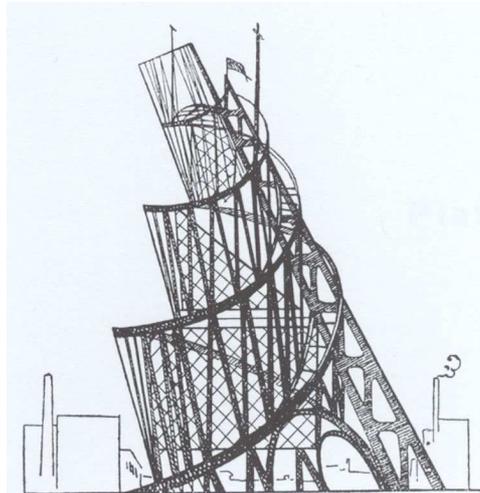
...é a escala da membrana de um único volume que inverte as hierarquias tradicionais. Os mecanismos que visam criar a ordem, a orientação e os itinerários interiores são independentes do envelope que, de dentro como de fora, é anónimo e sem escala, à excepção daquela que a envolvente reflectida na sua "pele" lhe confere.



Torre Tatlin,
Monumento à Terceira
Internacional (1928).
(não construído)

Só o ferro permite o monumento à terceira internacional. Ícone de uma ideologia política, o socialismo.

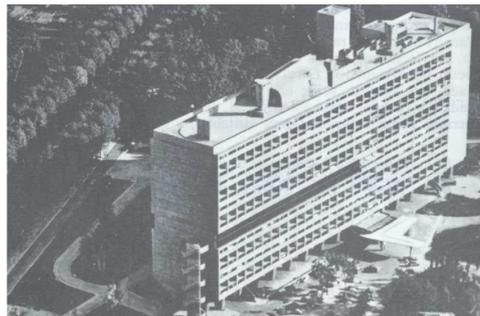
Um “edifício” de escala enorme... que transporta um valor dimensional e um valor simbólico.



Unidade de habitação,
Le Corbusier, Marselha (1952-54), França.

A construção possível da Ville Contemporaine... o edifício como “cidade.”

A dimensão resultado da agregação de unidades menores, o alojamento... “a poética das grandes dimensões.”



Seagram Building,
Mies van der Rohe, Nova
Iorque (1948-58), E.U.A..

“A substituição da ideia de decoração pela de rigor estrutural como elemento (também) possível na definição da arquitectura representativa.”

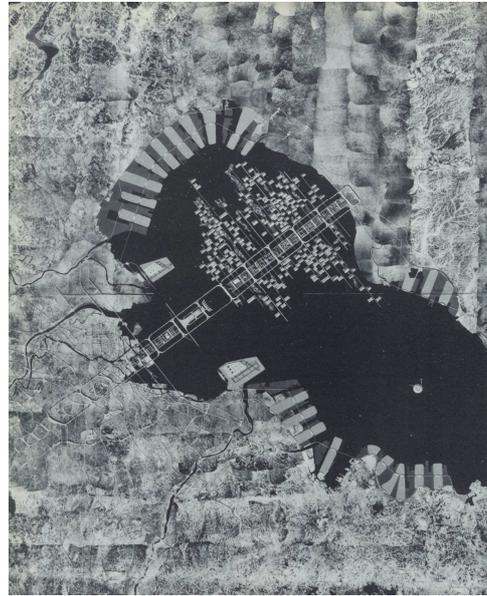
Alguns arranha-céus foram os vencedores celebrados na corrida para serem o mais alto edifício do mundo. Outros são prodígios da engenharia. Outros, ainda, como o Rockefeller Center, o Seagram Building, E o AT&T Headquarters são marcos na evolução estilística do arranha-céus.



**Projecto para a Baía de
Tokio,**
Kenzo Tange (1960)
(estudo)

O crescimento demográfico acelerado.

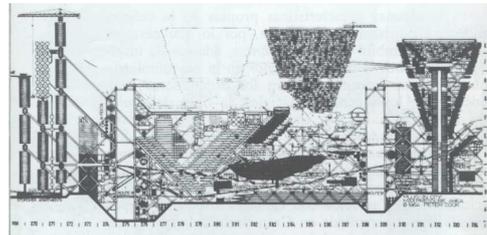
...produção de alojamento para seres humanos em crescimento acelerado, nas quais a cidade se torna numa imensa colecção de edifícios de grande escala, colocados em gigantescas estruturas que os suspendem sobre uma natureza incólume, apenas atravessada por vias de transito rápido.



Plug in City,
Archigram, (1969).
(estudo)

Archigram aceita sem condições o ambiente da produção, do consumo, dos *mass-media*, mas manifesta-se mais a nível de imagem que de organização ou de sistemas.

A possibilidade infinita de crescer...



Archigram,
Cidade-cenário, Proposta para
o concurso “A cidade como
ambiente significativo”,
(1969).

“... imaginar um circo ambulante que possua a intensidade de uma cidade, mas nem o seu tamanho nem a sua estabilidade... despertar da sua letargia a província ao menos durante uma semana... fazer, olhar e entrar em comunicação com o que sucede em Londres ou noutra qualquer metrópole.”



**Centro Georges Pompidou,
Renzo Piano, Paris (1971-7),
França.**

“Estrutura (metálica) de esqueleto... infra-estrutura e superestrutura... a complexidade da solução estrutural em contraponto com a simplicidade do princípio... a unidade construída do todo ao detalhe.”

Maior mega-estrutura construída.

“... grandes “contentores” macro-estruturais, estruturas polifuncionais, que tentam incidir, mediante a sua forma arquitectónica, na cena urbana, constituindo pontos fixos de referência.”
(Jan Lubicz-Nycz)

...uma arquitectura utópica, percursos de uma certa visão utópica no entendimento da grande dimensão contemporânea.

Qualquer que seja o significado social, ou anti-social, mecânico ou funcional, cívico ou ambiental, profissional, radical ou conservador que foi demonstrado por ou metido nas megaestruturas, elas transmitem imagens; carregando o tipo de significação intensa mas imprecisa que as imagens visuais sempre carregam.



**Delirious New York,
Rem Koolhaas (1978)**

O elogio do arranha-céus e da grande dimensão... a invenção do grande edifício multifuncional na metrópole americana no princípio do século. Uma visão que marca definitivamente o debate sobre a grande dimensão contemporânea.

“Contra o passado da Europa, o choque da *Bigness* forçou-nos a tornar o que estava implícito em *Delirious New York* explícito no nosso trabalho.” (Rem Koolhaas)



Conceitos. A procura de uma ideia de grande dimensão

A Abordagem

Não sendo nossa intenção abordar a *grande dimensão* lato sensu, neste capítulo procuramos clarificar que conceitos suportam a ideia relevante de uma arquitectura de grande dimensão contemporânea, enquanto condição primeira para enfrentar este debate. Estamos conscientes de que, porém, de alguma forma, estes sempre estiveram implícitos no nosso discurso.

Não tendo por objectivo dar resposta à demanda de Koolhaas por uma teoria da *bigness*, a simples afirmação de que a grande dimensão, ou a sua definição, é uma questão intuitiva, não parece poder ser de grande valor para a prossecução do trabalho. Assim, procuramos encontrar nos conceitos de *contentor* e *bigness* — conceitos que parecem sobrecaracterizar o discurso actual da arquitectura e do urbanismo — uma ‘definição’ possível de *grande dimensão*, que possa ter um carácter provisional, conscientes no entanto da diversidade de discursos e realizações, que obrigam a que se mantenha uma grande abertura e flexibilidade na leitura dos mesmos.

Mais do que a clarificação da imprecisão semântica que vem marcando o discurso actual, o que procuramos, de algum modo, é especificar os termos desta reflexão. Em suma, dar resposta à pergunta que esteve sempre subjacente — Qual a grande dimensão que se constitui objecto do presente estudo? — tecendo sobre esta algumas considerações.

De acordo com Werner Oechslin, num artigo para a revista *Daidalos*, intitulado “Beyond a certain scale,” “devíamos espantar-nos com a continuidade estável das regras arquitectónicas que se focam no domínio da grande dimensão e não simplesmente na grande dimensão.”¹

¹ Werner Oechslin, “Beyond a certain scale, or Titan in slippers?”, “On Bigness”, *Daidalos*, Berlim Setembro 1996, p.16.

Esta é, segundo este autor, a aproximação que caracteriza as nossas respostas usuais ao crescimento urbano: sempre um pouco mais alto, um pouco mais largo, um pouco mais fundo, mas sem mudança de paradigma e certamente sem arquitectura de uma redescoberta *grande dimensão*, resultando esta atitude na produção de uns “monstros fora de escala,”² ancorados ainda “no rigor da planificação prévia, na estandardização tipológica ou na definição estilística,”³ sem qualquer análise ou invenção.

Parece-nos, no entanto, que é hoje possível falar de uma arquitectura de grande dimensão que responde a uma mudança de paradigma, que não pode mais ser lida à luz dos processos tradicionais, ou como a “infinita evolução na continuidade” — marcada pela ordem e pelas regras a que se referia Oechslin, e nas quais Boullée conceptualiza a sua arquitectura⁴. É sobre esta que nos pretendemos debruçar.

Articulando conceitos

As progressivas transformações económicas e sociais experimentadas durante este fim de século evidenciaram a necessidade de abordar novas escalas de trabalho, atentas à emergência de novas realidades de âmbito metropolitano.

A cidade vai-se construindo desde a contundência e a neutralidade dos grandes sistemas urbanos que a estruturam — infra-estruturas várias de que se destacam as redes de transportes e comunicações — e da variação e acumulação dos edifícios de grande dimensão que impulsionam o seu crescimento e constituem hoje referências na, e para a,

² Ignasi de Solà-Morales, “Presente y futuros. Arquitectura en las ciudades,” *Presente y futuros. Arquitectura en las ciudades*, Edición Comitè d’Organització del Congrés UIA Barcelona 96, Col.legi d’Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996, p. 14

³ Ignasi de Solà-Morales, *Op. Cit.*, p. 12

⁴ “Desde a sua redescoberta nos anos 20, Boullée inspirou a imaginação moderna precisamente com respeito à grande dimensão e massa. Mas uma leitura mais cuidadosa revela que mesmo ele deu prioridade à regularidade, princípios e ordem, na melhor tradição vitruviana.” in Werner Oechslin, *Op. Cit.*, p.16.

cidade, pela sua dimensão e pelas dinâmicas que criam, não só numa envolvente próxima, mas, cada vez mais, num território mais alargado.

Deste modo, referenciar hoje a cidade passa por afirmar dimensões inusitadas, extraordinárias, arquitecturas de grande dimensão onde coabitam escalas múltiplas.

Arquitecturas que propõem uma nova abordagem à realidade actual, marcada pela expansão global, pelos grandes movimentos demográficos e pelo crescimento do ambiente urbano, e que, pelo seu tamanho, propõem desafios e possibilidades sem precedentes.

Arquitecturas de grande escala que se configuram como uma resposta possível a uma vontade de reorganização, consolidação, expansão, surgida com a aproximação do fim do milénio.

Novas estruturas e estruturas que ganham uma *nova* dimensão, como resposta a *novos* programas e a programas que se cruzam de maneira *nova*, e que, de acordo com Solà-Morales, de forma mais evidente, estão ligados aos espaços da mobilidade, do consumo e do lazer.

Estruturas em que as regras arquitectónicas são reescritas pela própria escala desses grandes edifícios, “resultados únicos duma combinação de vontade política e do desejo de investir numa nova saída.”⁵

Nos teoremas que Rem Koolhaas estabelece, no seu manifesto “*Bigness, or the problem of large*”, encontramos algumas das condições que, pensamos, informam hoje um conceito de arquitectura de grande dimensão.

A adopção tácita destes acarreta, no entanto, alguns perigos, no sentido em que os mesmos parecem remeter para uma grande dimensão superlativa, o enorme – “What is the maximum architecture can do?”⁶ é a pergunta que Koolhaas parece querer ver respondida.

⁵ Norman Foster, “Forum internacional 1”, *Quaderns*, n.213, Barcelona 1996, p.185.

⁶ Rem Koolhaas, “Bigness, or the problem of large,” *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997, p.509.

A este facto não é alheio o contexto em que o arquitecto teoriza a sua *Bigness* — a Nova York dos arranha-céus: Manhattan, onde o superlativo é quintessencial — e o facto de se tratar de um manifesto, com toda a radicalidade e exacerbação implícita.

No entanto, na frase com que inicia aquele texto, parece-nos possível ler implícita uma concessão à relatividade na referência à escala — “Para além de uma certa *escala*, a arquitectura adquire as propriedades da *BIGNESS*”⁷ — porquanto aquela consiste no estabelecimento de uma relação e, por isso, varia com o termo que é posto em relação com a coisa a conhecer.

Também Oechslin, citando Max Frish — que em 1953, após uma estada em Nova Iorque refere que “na sua terra natal (Zurique) tudo tinha ficado mais pequeno do que recordava” — faz notar que a escala é uma questão relativa, dependendo de um sistema de referências.⁸

A questão do efeito é de novo crucial no entendimento da grande dimensão como conceito relativo, porquanto o efeito depende do observador.

Ao referirmo-nos aqui a uma relatividade que deve estar implícita no conceito, tal não significa que excluamos a grande dimensão absoluta de que fala Koolhaas, ou sequer a grande dimensão vertical, mas significa antes que pretendemos, também, considerar uma outra, umas outras, que não pretendem ser resposta à pergunta implícita na “Theory of Bigness” que Koolhaas coloca. Deste modo ficamos em condições de recorrer ao enorme de forma descomprometida quando tal se revele instrumental, no sentido da clarificação de uma ideia.

Parece neste quadro possível falar de uma grande dimensão que embora absoluta se relativiza. Absoluta no sentido em que encerra um carácter de excepção, a dimensão extraordinária; relativa no sentido em que esse absoluto será avaliado na relação com um contexto que é particular para cada caso considerado — faz-se aqui um parêntese importante, porquanto a grande dimensão não tem apenas como palco a grande cidade,

⁷ Rem Koolhaas, *Op. Cit.*, p.495.

⁸ “How very much scale... is a matter of what you’re used to.” in Werner Oechslin, *Op. Cit.*, p.28.

mas antes se revela uma estratégia de abordagem mais vasta e aplicável a um qualquer contexto urbano.

Assim, tal como referimos que não nos interessa a grande dimensão que está ainda radicada num tempo, e num método, passados — afirmação reiterada no emprego claro da expressão “arquitetura contemporânea” — também do mesmo modo nos afastamos de uma ideia de grande dimensão absoluta que mais do que incluir exclui e, ao aproximarmo-nos de uma grande dimensão relativa, parece-nos que ficamos em condições de prosseguir esta questão, em todas as metrópoles, ou metrópoles emergentes, do planeta.

Por outro lado, o *contentor* — proposto por Solà-Morales em “Presente y futuros” como uma das “categorias culturais para entender as novas relações entre a arquitectura e as grandes metrópoles actuais”⁹ — de acordo com a leitura de Michael Sorkin, possui na sua não especificação o seu aspecto mais debilitante — embora faça notar que a ideia de grandeza é um dos instrumentos desta paranóia. Isto significa que, o conceito, parece extensível a uma série de fenómenos, independentemente da escala ou do programa — desde o contentor do lixo ou de transporte, ao contentor geopolítico, num sentido mais abstracto — porquanto o ênfase é colocado na capacidade de conter, independentemente do tamanho ou da complexidade (ou não) do conteúdo. O contentor “problematiza o conteúdo e privilegia a membrana e a sua impermeabilidade.”¹⁰

A utilização que fazemos do termo comporta no entanto uma especificação funcional, porquanto a grande dimensão que abordamos comporta uma complexidade que não se revê na monofuncionalidade de programas estáveis e fechados. A grande dimensão contemporânea assume-se como programa aberto, abrangente, aberto a novos usos. Nestes moldes, apontamos uma possibilidade de resposta à questão levantada por Pierluigi Nicolini em “La quarta tipologia” que pergunta a determinada altura do seu texto “Um edifício

⁹ Ignasi de Solà-Morales, *Op. Cit.*, p. 23.

¹⁰ Michael Sorkin, “La cantinela del contenedor”, *Presente y futuros... Op. Cit.*, p. 218. “A ideia dos ‘contentores’ produz-me uma má impressão.”

especializado — como uns grandes armazéns ou um depósito — encerrado na sua caixa arquitectónica, será um contentor?”

Em suma, libertos dos termos que marcam esta discussão, especificando em que medida deles nos afastamos, estaremos em condições de reflectir sobre a importância destes conceitos no cenário da metrópole contemporânea, no sentido de tentar atingir as permanências que num, como no outro, nos permitem falar indistintamente de Bigness, contentor ou grande dimensão como o vínhamos já fazendo, até aqui.

Tal como anteriormente referimos, é a visão do edifício como um todo, percebida sem dificuldade no arranha-céus, que chama a atenção para a grande dimensão como um “tema arquitectónico de direito próprio.”¹¹

Esta foi, aliás, a forma como desde o início abordámos a questão da grande dimensão, o que estava já implícito na referência ao *edifício*, no sentido em que este termo comporta um sentido de unidade, embora conscientes de que a revisão do significado de alguns termos é, no momento actual, uma necessidade, para responder a uma realidade que se torna cada vez mais difícil de nomear.

Assim, usamos a expressão *grande dimensão* para referir a grande dimensão *na arquitectura* ou o *edifício* de grande dimensão, afastando-nos do *projecto de grande escala*, da grande dimensão feita pela grande relação, de uma grande dimensão espacial, uma ‘arquitectura urbanística’ resultado de uma lógica fragmentada onde a grande unidade é obtida pela articulação de elementos de pequena dimensão, de que o Parc de la Villette, de Bernard Tshumi,¹² em Paris, pode constituir exemplo.

O entendimento do efeito de um todo — assim como do vasto e do vago — é crucial na produção de um efeito de grande e, logo, na compreensão da arquitectura de grande dimensão.

¹¹ Werner Oechslin, *Op. Cit.*, p.16.

¹² A questão da fragmentação é crucial no trabalho de Tshumi, num reflexo da “nossa ‘louca’ condição contemporânea fragmentada.” Bernard Tshumi, *Architecture and disjunction*, The MIT Press, Cambridge (Mass.) 1994, p. 177

Tal posição não significa, no entanto, que seja nossa intenção abordar apenas a questão de uma arquitetura monolítica, o que seria redutor, mas antes considerar uma série de outros edifícios híbridos que se vêm configurando com grande unidade, e que constituem uma parcela substancial da produção da grande dimensão contemporânea. — embora reconhecendo que esse efeito é porventura mais imediatamente apreendido quando se trata de morfologias simples, como na bigness do arranha-céus que não precisa de explicação.

Koolhaas parece chegar a esta conclusão quando, no texto manifesto “Bigness, or the problem of large,” estabelece o primeiro dos cinco teoremas de uma *Theorie of Bigness* que segundo o próprio estava já latente no seu livro *Delirious New York*.

“Para além de uma certa massa crítica, um edifício torna-se um grande edifício. Tal massa não pode mais ser controlada por um gesto arquitectónico singular, ou até por uma combinação de gestos arquitectónicos. Esta impossibilidade despoleta a autonomia das suas partes, mas isso não é o mesmo que fragmentação: as partes permanecem comprometidas com o todo.”¹³

De igual modo, e porque as palavras transportam imagens, o termo contentor, apesar de marcado por discursos muitas vezes antagónicos tornando difícil inscrevê-lo num só modelo teórico ou formal, parece aludir a uma coerência e unidade aparentes, conferidas por um ‘envelope’, uma ‘capa vibrátil’¹⁴ que estabelece uma relação com uma envolvente independente da complexidade e diversidade no seu interior.

O ênfase nas impressões sensoriais parece ter marcado desde sempre a questão da grandeza.¹⁵ A par com esta visão do todo, também o vasto e o vago parecem marcar a leitura de um edifício como um grande edifício. O grande é, deste modo, junto com o vasto, no sentido em que ambos produzem o efeito de *Bigness*. Os edifícios de grande

¹³ Rem Koolhaas, *Op. Cit.*, p.495.

¹⁴ Manuel Gausa, “Metropolis→Metapolis”, “Forum internacional 1”, *Quaderns*, n.213, Barcelona 1996, p.16.

¹⁵ “O ênfase na impressão sensorial sempre colocou em primeiro plano a ‘visão do todo’ como o último tribunal de apelo para julgar o efeito de uma obra de arte.” Werner Oechslin, *Op. Cit.*, p.20.

dimensão são espaços que, pela sua vastidão, não podem ser mais apreendidos na sua complexidade espacial.

Foster refere, a propósito do aeroporto de Chek Lap Kok, que já não é fácil perceber a escala dos espaços. “Podiam-se meter Wembley ou o Yankee Stadium no hall das bagagens e ainda restaria espaço.”¹⁶

De acordo com Nicolín, o *Crystal Palace* mostra com maior precisão a emergência dos caracteres com que tentamos definir a noção de *contentor*, aludindo a uma descrição de um contemporâneo alemão que, em relação a este, refere a dificuldade em julgar as suas dimensões interiores, em apreender este edifício, concluindo no entanto que, “para o exterior deverá fazer-se um discurso completamente distinto.”¹⁷

Nestas condições, a relação entre um invólucro e uma parte central parecem definitivamente perdidas, como faz notar Koolhaas: “Na *Bigness*, a distância entre a parte central e o envelope aumenta até ao ponto em que a fachada não pode mais revelar o que acontece no interior.” Constituindo-se como partes separadas, numa relação que encontra precedente nos edifícios oitocentistas, marcados também por uma relação de independência entre uma “capa,” e um conteúdo.¹⁸ Embora, hoje, os tipos de relações que se estabelece sejam, evidentemente, diferentes. Como Koolhaas faz notar, a expectativa humanista da ‘honestidade’ está condenada: “arquitecturas interiores e exteriores tornam-se projectos separados, um lidando com a instabilidade das necessidades programáticas e iconográficas, o outro — agente de desinformação — oferecendo à cidade a estabilidade aparente de um objecto.”¹⁹ Deste modo, o que se vê não é mais o que se tem!

Esta parece ser aliás a característica principal do *contentor*, que embora marcado, como referi anteriormente, pela dificuldade em inscrevê-lo num só modelo teórico ou formal,

¹⁶ Norman Foster, *Op. Cit.*, p.186.

¹⁷ Pierluigi Nicolín, “La quarta tipologia,” *Presente y futuros... Op. Cit.*, p. 226.

¹⁸ Embora na cidade oitocentista, de que a Paris de Haussman constitui um exemplo, a preocupação do edifício é desenhar o espaço urbano. Há uma métrica de estratificação que é importante, estabelecendo hierarquias, mas a fachada conforma o espaço urbano, ganhando alguma independência em relação ao seu interior.

¹⁹ Rem Koolhaas, *Op. Cit.*, p.495.

parece ter na separação interior-exterior e no cruzamento de programas uma das condições base.

Ignasi Solà-Morales propõe a categoria de contentor para se referir “a aqueles lugares, não sempre públicos nem tão pouco exactamente privados, nos quais se produz o intercâmbio, a despesa, a distribuição dos dotes que constituem o consumo múltiplo das nossas sociedades altamente ritualizadas.”

Recintos encerrados onde a separação generalizada de que fala Guy Debord na sua “Sociedade do Espectáculo” constitui uma premissa fundamental.

“Separação da realidade para criar com toda a evidência um espaço de representação. Separação física que nega a permeabilidade, a transitividade, a transparência. Máxima artificialidade produzida por um recinto encerrado, protegido. Artificialidade do clima, da organização, do controlo. Artificialidade do espaço interior, sempre interior, embora possa estar ao ar livre, produzida por meios arquitectónicos que podem ser múltiplos, variáveis, efémeros, etc., mas que estão sempre encerrados pelo envoltório (rígido) do contentor.

Há uma unificação do espaço que é prévia a todo o processo de diversificação artificial e que procede da condição essencial de separação a que nos referimos.”²⁰

Também, Michael Sorkin parece enfatizar a questão da separação e da diferença no programa do contentor, porquanto, e de acordo com este, ele se baseia “na combinação da separação e da diferença, na noção de um contentor suficientemente grande (e a ideia de grandeza é precisamente um dos instrumentos desta paranóia) para assegurar a preservação de um padrão fixo de diferenças que evitará tanto a possibilidade de ‘igualação’ como, do mesmo modo, a possibilidade incontida de paramentos e mutações, ampliações do catálogo de diferenças.”²¹

Embora Solà-Morales não fale em termos de dimensão ou escala, há também implícito no seu conceito uma ideia de grandeza, que este torna explícito quando enumera alguns dos exemplos do que considera contentores – “um museu, um estádio, um shopping-mall, um

²⁰ Ignasi de Solà-Morales, *Op. Cit.*, p. 20.

²¹ Michael Sorkin, *Op. Cit.*, p. 221.

teatro de ópera, um parque temático de entretenimento, um edifício histórico protegido para ser visitado, um centro turístico, são contentores.”²²

O ênfase no contentor é, de igual modo, dado ao carácter mutacional destes espaços, dos cenários que no seu interior se criam, mas também ao seu carácter homogéneo.

“Nada tão cambiante como o interior de um shopping-mall e, sem dúvida, nada tão rígido, controlado, separado, selectivo e homogéneo como estes templos do consumo.”²³

Princípios que Solà-Morales encontra de igual modo noutra tipo de cenários de distribuição como o museu, marcado também por uma separação e homogeneidade, com um discurso interno de multiplicação de ofertas.

Também Koolhaas refere a grande dimensão como o espaço de reunião da máxima diferença. “Apenas a grande dimensão pode aguentar a promíscua proliferação de eventos num só contentor.” Esta, desenvolve estratégias para organizar tanto a sua independência como a sua interdependência dentro de uma maior entidade, numa simbiose que exacerba, mais do que compromete a especificidade. “Só a *Bigness* instiga o *regime da complexidade*.”²⁴ Através da contaminação e quantidade, apenas a grande dimensão pode suportar novas relações entre entidades funcionais que expandem mais do que limitam as suas identidades. Artificialidade e complexidade libertam a função do seu contentor. Os elementos programáticos reagem uns com os outros para criar novos eventos. Interação e afastamento de actividades, Intensidade e serenidade.

Do mesmo modo, Albert Garcia Espuche, estrutura o seu discurso em torno da diferença e da separação, da intensidade e da serenidade, de um contentor e de um conteúdo. Diferença entre espaços que dão resposta à necessidade de uma velocidade cada vez maior para relacionar outros “onde a velocidade possa tender a zero de forma ordenada e ritual, com altos graus de segurança. O conteúdo virá depois. Nem sequer o consumo, de objectos ou serviços, de invenções ou informações, nem o contacto com o dito consumo, densamente carregado de significados, é o que define estes contentores.”²⁵ Espaços onde o

²² Ignasi de Solà-Morales, *Op. Cit.*, p. 20.

²³ *idem*.

²⁴ Rem Koolhaas, *Op. Cit.*, p.497.

²⁵ Albert Garcia Espuche, “Los contenedores de la pausa,” *Presente y futuros... Op. Cit.*, p.239.

que importa é a possibilidade de imobilizar-se, onde não se consome nada mais que a necessidade de estar juntos, “de converter-se em parte de um acto colectivo e espectacular que consiste em imobilizar-se em massa.”²⁶

Garcia Espuche refere ainda o carácter destes de conter a diversidade, de serem âmbito do inesperado, e de serem reconhecidos pelas atracções que criam. De novo a referência à grande dimensão não é explícita, parecendo apenas implicada na necessidade de espaço para a ‘imobilização em massa’.

De acordo com Pierluigi Nicolini uma outra função importante do contentor é de tipo comunicativo. “Esta comunicação pode ser do tipo funcional, publicitária, ou pode conter mensagens mais complexas.”²⁷

Embora não seja a questão formal ou construtiva aquela que aqui pretendemos abordar, pensamos que a *neutralidade* —que Hans Ibelings refere como característica que marca a arquitectura *supermoderna*²⁸ — reforça a ideia da separação de que vimos falando. Um fenómeno arquitectónico que não é uma condição apenas de edifícios de grande dimensão, mas da arquitectura contemporânea de um modo geral, e que, refere, se manifesta de igual modo “não só nas transparências e na ligeireza das fachadas de Riley e Colafranceschi, no monólito de Machado e el-Khoury e no minimalismo de Sevi e Montaner.”²⁹ Uma sensibilidade para com o neutral, indefinido, implícito, qualidades que não se limitam à substância arquitectónica e que têm, também, uma poderosa expressão numa nova espacialidade. No entanto, a grande dimensão é para Ibelings apenas acaso e não paradigma.

Ibelings, ao contrário de Koolhaas, não procura a grande dimensão mas antes se debruça sobre o problema da forma, das linguagens e dos simbolismos na arquitectura contemporânea. Para ele, a qualidade é anterior à quantidade e mantém-se como condição

²⁶ *idem.*

²⁷ Pierluigi Nicolini, *Op. Cit.*, p. 228.

²⁸ Termo que Hans Ibelings propõe para designar a arquitectura contemporânea que é “marcada por uma grande neutralidade para com o entorno.” Hans Ibelings, *Supermodernismo*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1998, p. 62.

paradigmática. Constata, no entanto — e aí reside o interesse da sua abordagem — que já não se trata de tornar evidente a utilidade prática dos edifícios. O edifício contentor actua, na cidade contemporânea, como um objecto arquitectónico cuja capacidade de significação se obtém independentemente da expressão do uso particular que se lhe tenha atribuído. Nesse sentido, retoma a ideia da separação entre uma membrana envolvente — tratada superficialmente e marcada por uma grande neutralidade — e um interior que se assume cada vez mais, na sua formalização e complexidade, como exterior interiorizado. São arquitecturas que estabelecem uma relação com o interior e outra com o exterior.

A neutralidade para com um contexto, de que vínhamos falando, parece marcar a relação do edifício de grande dimensão com o lugar — a paisagem não constitui mais um fundo onde se possa pensar que este se insere, integra ou difunde.

As arquitecturas de grande dimensão movem-se para espaços de oportunidade máxima — localizações de máxima promessa infra-estrutural — surgindo “ex-abrupto, inesperadamente, surpreendentemente. A sua presença não está conectada a um lugar. A percepção que temos dela está quase sempre mediatizada. Pelas imagens fotográficas, pelas visões possíveis, pela desconexão entre elas e o que se produz na sua envolvente.”³⁰

A grande dimensão pode existir em qualquer lado do plano e, de acordo com Koolhaas, é incapaz de estabelecer relações com a cidade clássica, com a qual, no máximo, coexiste.

Também para Manuel Gausa, os edifícios de grande dimensão assumem-se como as paragens, as intrusões, os acontecimentos, enfim, as arritmias, numa trama que já não é marcada pela continuidade. Estes, devem ser apreendidos “desde a acumulação e simultaneidade dos estratos e dos movimentos, mais que numa continuidade harmónica, ordens estruturais elementares de carácter surpreendentemente global mas abertas a acontecimentos locais sucessivos não necessariamente prefiguráveis, numa miscelânea difusa entre o abstracto e o particular, o universal e o individual, o sistemático e o

²⁹ Hans Ibelings, *Op. Cit.*, p. 62.

³⁰ Ignasi Solà-oraes, *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporáneas*, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona 1995, p.20.

excepcional, o estruturado e o informal, como uma hipótese transportável ao projecto arquitectónico, metáfora, em última instância, da própria cena contemporânea.”³¹

Radicalizando o discurso, Koolhaas conclui que a grande dimensão “não precisa mais da cidade; ela representa a cidade; ela antecipa-se à cidade; ou melhor ainda, ela é a cidade.” “O seu subtexto é *que se lixe o contexto*.”³²

Debilitamento do conceito

Tal como Nicolini conclui que não se pode, hoje, afirmar com precisão que um edifício seja um contentor, também parece complicado estabelecer, com rigor, os parâmetros a partir dos quais um edifício seja de grande dimensão — problema que aliás é epistemológico; quanto é grande? “Certamente (...) encontramos-nos perante um debilitamento do estatuto ontológico do edifício em sintonia com o processo de desconstrução urbana e de aleatoriedade dos significados que acompanha o nascimento da metrópole contemporânea.”³³

O conceito de grande dimensão não é definível. O paradigma que procuro não é parametrizável.

³¹ Manuel Gausa, *Op. Cit.*, p.16.

³² Rem Koolhaas, *Op. Cit.*, p.495.

³³ Pierluigi Nicolini, *Op. Cit.*, p. 229.

Abordagens possíveis – algumas reflexões erráticas

Algumas reflexões erráticas

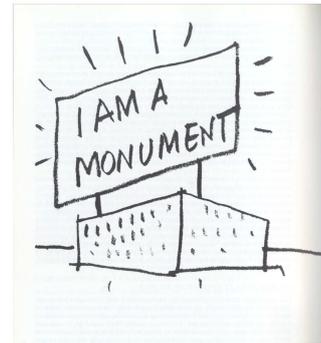
Alinhamos neste capítulo algumas reflexões que, como referimos no início, se foram colocando de forma impertinente sobre o tema. Não obedecem a uma ordem preestabelecida, relacionando-se, apenas, através de um fio narrativo invisível que as une entre si — um *patchwork* ‘cosido’ pela permanência da grande dimensão contemporânea. Mais do que sintetizar, procuramos questionar permanentemente, pondo eventualmente em causa algumas das ‘certezas’ que procurámos encontrar desde o início. Neste sentido, as obras e os projectos seleccionados procuram reforçar o discurso, pondo em evidência uma parte das ideias que aí são expressas.

O valor simbólico e dimensional da grande dimensão, o programa, os edifícios de grande dimensão do consumo e da mobilidade, constituem os termos desta reflexão. Oportunidades para abordar uma série de outras questões relacionadas, que se vêem configurando e se confirmam recorrentes nos edifícios de grande dimensão.

Este é de facto o grande salto no trabalho (ou a grande queda) no sentido em que aqui dizemos coisas — Coisas que pensamos e coisas que intuímos! Sempre suportados na ‘muleta’ da impossibilidade de aferir permanências, de estabelecer verdades absolutas, que nos permitem libertar (do peso) da responsabilidade de tecer considerações. Mas afinal... porque não haveríamos de o fazer!

Uma nova grande dimensão

A dificuldade de englobar sobre um mesmo modelo teórico ou formal os edifícios de grande dimensão é evidente. A multiplicidade de contextos geram uma situação complexa, e tão diversa quanto o imprevisível desenvolvimento das cidades.



O crescente protagonismo assumido pelo sector terciário, nas últimas décadas, provocou o aparecimento de novas tipologias com potencial reorganizador e requalificador da cidade contemporânea: os edifícios de grande dimensão multifuncionais, estruturas marcadas pela acumulação de programas e espaços diferenciados.

Motivada por razões extra-funcionais, a construção destas tipologias, deslocou-se para o território periférico, acompanhando os processos de dispersão urbana e do sector terciário.

Os edifícios ganham novas alturas e dimensões, procurando referenciar a cidade que não responde mais a um modelo hierarquizado e segregado mas que se torna policêntrica e estratificada. Constituem-se como novas centralidades pela complexidade e densidade de actividades que comportam — qualidades antes atribuídas ao centro tradicional. O edifício de grande dimensão, descontínuo nos seus usos e singular na sua presença, ganha importância pelo seu potencial gerador.

Elementos tipológicos base, organizam um território urbano, não contínuo, estruturado pelas infra-estruturas da mobilidade e por estas estruturas, pontos de concentração máxima da arquitectura, “abandonando o resto do território às forças inimigas.”¹

A dimensão e os fenómenos com ela relacionados adquirem um significado preciso como mecanismos de estruturação urbana.

Os edifícios, hoje, “de modo a ganharem visibilidade adquirem uma escala escultórica, afirmativa. Partem do mesmo princípio do *outdoor*. São poderosos, quase soberbos, para que se possam avistar de longe, do automóvel e do ónibus,”² e, na tentativa de se evidenciarem, mostram a sua força generativa e a capacidade de reconstruir urbanidade, subordinando a desordem. O edifício de grande dimensão assume-se como modelo de regeneração urbana que cristaliza o presente.

¹ Rem Koolhaas, “Bigness, or the problem of large”, *S,M,L,XL*, Koln, Taschen, 1997, p.511.

² Ana Vaz Milheiro, “A cidade grande,” *Jornal dos arquitectos*, n. , p.195.



GUGGENHEIM - BILBAU

Valor dimensional, valor simbólico

“A arquitectura foi sempre um dos grandes eventos da cultura. Os papas chamavam os melhores artistas. Os reis usaram sempre a arquitectura como instrumento de poder cultural. Isso desapareceu, mas está a voltar com os grandes projectos, como os lançados em Paris – as Pirâmides do Louvre ou a Biblioteca. Aparece a obra de autor. De repente há meia dúzia de figuras emblemáticas que pontuam as cidades. Hoje os museus transformaram-se em catedrais. Como agora há uma certa crise de fé, as cidades digladiam-se para terem um grande museu. Veja-se o caso da Galiza. Engatam-se três museus – o Museu do Homem, na Corunha, do japonês Isosaky, em Vigo há o do italiano Aldo Rossi, e em Santiago temos o Siza, tal como em Serralves. Ou seja, em 300 quilómetros temos quatro museus projectados por grandes arquitectos.”³

O tema da grande dimensão é recorrente ao longo de toda a história da arquitectura, no entanto, tem-se vindo a colocar de forma sistemática nos últimos anos. Vem sendo marcado por uma série de questões que, pensamos, nos permitem falar de um valor dimensional e de um valor simbólico inerentes aos edifícios de grande dimensão e da relação que, entre aqueles, se vem tornando progressivamente mais complexa e ambígua (como, aliás, parece acontecer com o pensamento contemporâneo de um modo geral). Isto é, o edifício de grande dimensão possui na pura quantidade um valor, porquanto mais extensão, mais altura, mais profundidade permitem conformar espaços cada vez maiores, que possibilitam uma série de acontecimentos num mesmo lugar, um cruzamento de programas sem precedentes. Por outro lado, esta característica quantitativa confere-lhe um valor simbólico, seja pela visibilidade — o efeito de que anteriormente falámos — e pela monumentalidade, associadas à dimensão física, à superação técnica e à capacidade de construir maior — caso de que os arranha-céus constituem o paradigma — seja pela compreensão do atractivo gerado por essa quantidade de espaços e programas — constituindo a congestão e a miscigenação funcional um *novo programa*, que o tornam elemento central na vida



CENTRO COMERCIAL COLOMBO - LISBOA

(dinâmica) da cidade. A dimensão e os novos programas como referência para a cidade, e para a sociedade, contemporânea. Nada de novo, de acordo com a leitura da *Imagem da cidade*, de Lynch, que referia já a capacidade de um edifício ser marcante pela sua dimensão ou por possuir “a concentração de um costume ou de actividades especiais que lhe podem conceder um lugar predominante na mente do observador.”⁴

Se referimos esta questão, é por considerarmos que a grande dimensão, vem sendo construída nesta ambiguidade — ora no reconhecimento do seu valor simbólico, ora no reconhecimento da vantagem, sobretudo económica, da congestão e da densidade — segundo uma matriz marcada por uma sociedade neo-liberal, onde o poder público e o poder privado, cada vez mais, se confundem. O espaço da cidade como teatro de convergência cívica deu lugar ao edifício isolado com escala suficiente para substituir programas e funções que estiveram sempre ligadas a espaços urbanos exteriores.

Neste contexto deveríamos hoje — pelo investimento na qualidade desses espaços, em detrimento dos espaços exteriores públicos — “substituir a locução *espaço público* (...) por *espaço colectivo*, dado que o acento passaria do reconhecimento da *propriedade* à observação das características do *uso*, marginalizando-se assim a questão das diferentes responsabilidades que caracterizam os diferentes promotores.”⁵ O sucesso da locução *espaço colectivo* afirma-se com a privatização que observamos nos grandes edifícios do consumo, (do consumo) da cultura, do lazer, da mobilidade. Gregotti afirma que “espaço colectivo é também cada espaço civil fechado, mas também, mais em geral, cada espaço de acção ritual.”

³ Souto Moura em entrevista ao *Jornal Expresso*

⁴ Kevin Lynch, *A imagem da cidade*, Edições 70, Lisboa 1996, p. 61.

⁵ Alvaro Domingues, “os novos mapas da cidade”, *ecdj*, *Op. Cit.*, p.35.

A complexidade do programa contemporâneo

O simbolismo associado à grande dimensão sempre foi entendido. O que é novo são as quantidades em causa e a necessidade de programas que respondam a novos números, que adquirem, também eles, um valor simbólico.

A complexidade, ou a hibridez programática actuais, não permitem afirmar o programa como tradicionalmente. O programa arquitectónico linear, marcado pela clareza de uma função predominante, com algumas funções subsidiárias daquela, parece ser hoje substituído pela vontade de uma complexidade de funções, e pela pressão de investidores que compreenderam o potencial económico da congestão.

Deste modo, assiste-se a uma acumulação, sem precedentes, de programas num mesmo contentor. Não se sabe mais a que função o edifício responde, pois o programa resulta duma sobreposição de outros programas que competem entre si, e que tornam difícil nomear o edifício. As funções comerciais, culturais, representativas, o estacionamento, etc., ganham uma nova escala — dando respostas de âmbito cada vez mais alargado — já não servindo apenas uma zona próxima mas constituindo-se como programas para a cidade alargada.

Compreendido o valor simbólico e o potencial económico da grande dimensão, esta parece assumir-se, ela própria, como programa — político e económico — e como paradigma de reconfiguração e requalificação urbana, indutor de revitalização e de dinamização, económica e cultural.

Os programas da grande dimensão não são apenas definidos por questões quantitativas, mas, também, por cargas simbólicas e valorativas, deixando em aberto potencialidades e flexibilidades.

Face a esta situação configuram-se edifícios com grandes dimensões, que não têm as funções totalmente atribuídas. O próprio programa preliminar destes edifícios é de tal



CENTRO CULTURAL DE BELÉM - LISBOA

complexidade que o programa não é totalmente definido *à priori*, deixando liberdade a que seja o arquitecto a trazer outras propostas e outros ‘vazios’.

Assim comportam espaços com grande densidade e outros deixados vagos para usos indefinidos, sendo-lhes conferidos valores e significados que pertenciam, no passado, a espaços públicos urbanos.

É no âmbito dos edifícios culturais que de forma mais evidente se vem colocando esta questão. O Centro Cultural de Belém, para citar um exemplo nacional, foi construído deixando espaços claramente expectantes, abertos a novas funções e novos usos que viriam a ser atribuídos depois.

Encomenda

O programa é, em última análise, uma questão de encomenda, e nesse sentido pode ser entendido como mais uma possibilidade de ler o fenómeno do edifício de grande dimensão.

“A arquitectura é uma incerta mistura de onnipotência e impotência. Ostensivamente envolvido em “moldar” o mundo, para que os seus pensamentos sejam mobilizados os arquitectos dependem da provocação de outros – clientes, individuais ou institucionais. Por isso, incoerência, ou mais precisamente, aleatoriedade, é a estrutura subjacente (fundamental) para as carreiras de todos os arquitectos: eles são confrontados com uma sequência arbitrária de exigências, com parâmetros que eles não estabeleceram, em países que dificilmente conhecem, sobre assuntos dos quais estão debilmente a par, esperando-se que lidem com problemas que se provaram intratáveis para cérebros imensamente superiores aos seus. A arquitectura é por definição uma aventura *caótica*.”⁶

⁶ Rem Koolhaas, “Introdução”, *Op. Cit.*, p.xix



PETRONAS TOWERS, CESAR PELLI MILLENIUM DOME - LONDRES - KUALA LUMPUR 1997

É na encomenda privada que encontramos o desejo explícito da construção da arquitectura de grande dimensão. Não só pelo seu poder simbólico, mas porque os promotores privados perceberam o enorme potencial económico de concentrar num mesmo ‘contentor’ toda uma série de valências.

A grande dimensão é a encomenda privada, o requisito consciente e que se assume — a resposta a regras que os grupos económicos impõem.

Numa sociedade marcada pela emergência do sector terciário, a competitividade entre empresas é crescente, e revela-se não só ao nível do mercado económico e financeiro, mas, cada vez mais, na arquitectura — na concorrência por um lugar proeminente na cidade.

As empresas aumentam em número e em dimensão, como resultado de *fusões e aquisições* que atingem proporções sem precedentes. Os monopólios e oligopólios globais assim constituídos encontram na arquitectura a expressão do seu poder, como acontece desde há milhares de anos com outros intervenientes.

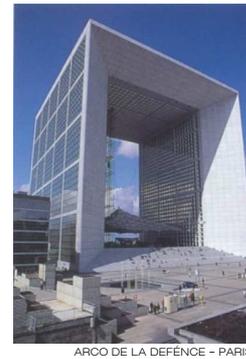
Numa sociedade dominada pela imagem e pela marca, a visibilidade é o sinal mais evidente de prosperidade e vigor económico.

O capitalismo, com as suas regras e políticas agressivas, faz com que, perante uma incapacidade de consenso sobre o que deve ser salientado na cidade, ou quais os meios para o fazer, se use a força do dinheiro e o poder que algumas instituições detêm. Viabilizando a construção de arquitecturas monumentais privadas, emblemas ao poder económico. A disputa pela construção do mais alto arranha-céus, que se vem verificando actualmente nas economias emergentes asiáticas, é o paradigma.

A cidade enche-se assim de arquitecturas que são expressão da individualidade dos intervenientes privados, que têm um papel cada vez mais importante no processo de construção da cidade contemporânea. Arquitecturas que pela sua dimensão e localização se tornam nos monumentos e símbolos de uma sociedade *capitalista global*.

No entanto, o gigantismo generalizado de que fala Françoise Choay, comporta uma relativização ao nível do valor simbólico, do conceito de monumentalidade e da referência.

De acordo com Françoise Choay, assistimos à banalização do monumento e da monumentalidade em geral. “(...) O conceito de monumento parece inclusivamente ter



ARCO DE LA DÉFENSE - PARIS

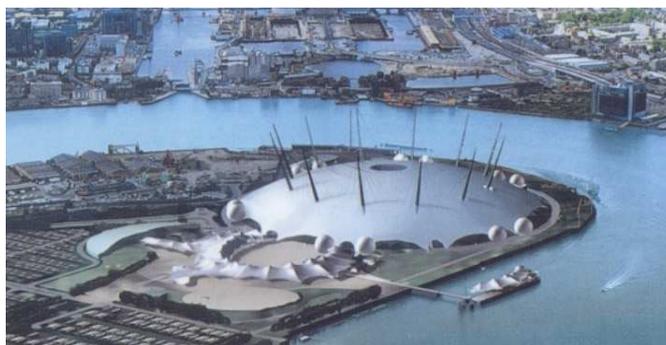
perdido o sentido numa sociedade onde um gigantismo absoluto, parece excluir a diferença que legitima o monumento, e é consagrado por uma ideologia de exploração técnica, ligada à transformação e industrialização dos materiais e métodos de construção e a um urbanismo que rompe com a escala das estruturas fundiárias. A arquitectura já não exprime uma hierarquia de funções urbanas, que aliás ignora, e reserva o mesmo tratamento formal a todas as categorias de edifícios. Toda a construção parece querer tornar-se celebração explícita de uma arquitectura contemporânea, que saturada de historicismo, tende a substituir narcisicamente, o conceito de edifício pelo de obra de arte ou monumento. (...)”⁷ Assim, o processo torna-se cíclico, requerendo, a cada momento, edifícios de maior dimensão ou que se salientem pela inclusão de ícones e de morfologias que não são da cidade.

A conotação da arquitectura de grande dimensão com períodos e ideologias políticas autoritárias e ditatoriais parecem inibir o estado, no seu papel de promotor da encomenda pública, de assumir a grande dimensão como vontade, não sendo assim esta um requisito a constar no programa de um qualquer projecto público. O poder político não afirma a grande dimensão politicamente refugiando-se em argumentos simbólicos quando na prática o programa é político, económico, cultural e social.

Se exceptuarmos os *grands travaux* que o Presidente francês François Mitterrand assumiu como programa político, as iniciativas similares, de carácter também público, que aconteceram, quer em Barcelona, com os Jogos Olímpicos, quer em Lisboa com a Expo 98, quer ainda em Inglaterra, com as iniciativas do milénio, estas claramente conotadas com as francesas, tiveram como pretexto para a construção acontecimentos desportivos e culturais, de cariz internacional. O paradigma cultural tornou-se o paradigma do poder político.

Em França as iniciativas políticas e a vontade de Mitterrand estiveram na origem de uma série de projectos lançados para Paris. Assumindo-se a arquitectura de grande dimensão como vontade de afirmação na cidade.

⁷ Françoise Choay, (coordenação de), *Dicionário de urbanismo*, Editrice Seuil, 1988, p.504.



MILLENNIUM DOME - LONDRES

Assim a *Trés grand Bibliotheque*, ou o *grand arc de la défense*, constituem-se como marcos na cidade. A forma não dá resposta a uma função, mas antes responde à cidade, o edifício é desenhado à escala da cidade, como elemento referencial na malha urbana da cidade tridimensional.

Também a construção da Dome de Londres constitui um ambicioso programa político e cultural, conotado com a ideia de, mediante a arquitectura, mobilizar as pessoas em torno de um programa de modernização nacional.

Este edifício encarna a intenção de celebrar o milénio com uma imponente estrutura, que se localiza, deliberadamente, fora do centro de Londres, procurando através de uma arquitectura de grande dimensão — uma realização marcada pela invenção tecnológica — revitalizar um pedaço do tecido urbano anteriormente industrial.

A visibilidade do acontecimento procura traduzir-se numa arquitectura visível, que se torne uma referência pela sua dimensão e pelo simbolismo que lhe é implícito, a passagem do milénio.

Assim sob um contentor, um edifício com grande unidade, que procura estabelecer relações com uma área que não se confina à sua envolvente imediata — procura ser um elemento referencial numa nova zona da cidade — abrigam-se uma série programas e arquitecturas com outra liberdade formal e funcional. Este caso é paradigmático no sentido em que encarna muitas das características dos edifícios de grande dimensão, numa forma que consideramos liminar — o assumir de uma pele que estabelece um contacto, mais que uma relação, com o exterior, numa total separação entre interior e exterior, com um programa indefinido, flexível, mutacional, sem uma planta formal, numa visão contemporânea da cúpula geodésica de Buckminster Fuller.

No panorama nacional mais recente a organização do campeonato europeu do ano 2004 representa o programa político e cultural com capacidade para gerar a elaboração de novos equipamentos desportivos e a renovação de outros, numa perspectiva contemporânea. Isto é, os programas reflectem não só a compreensão do potencial estruturador, e o valor simbólico, do edifício de grande dimensão, mas também, o carácter atractivo deste. Assim associam a vertente desportiva, lúdica, a uma outra, comercial, transformando um velho



programa num programa actual, pela justaposição de funções, num claro aproveitamento do espaço inerente a um programa, no sentido da sua rentabilização, pela inclusão da função comercial no seu programa. Não podemos, no entanto, menosprezar o aproveitamento pelo comércio, do carácter referencial que este tipo de equipamento tem na cidade.

Nestes casos, em que o estado, cada vez mais, assume parcerias com entidades privadas, numa associação do poder político com o poder económico, o estado encontra de novo o pretexto para a construção de arquitecturas com uma escala, volumetria, extensão, altura, enfim, com um carácter que de outra forma não assumiria, enquanto estado democrático.

A encomenda pública não é a grande dimensão, mas os pretextos para essa encomenda, ou a liberdade conceptual que determinados programas ‘encerram’, revelam-se determinantes na conformação de grandes arquitecturas. A opção da grande dimensão é uma opção consciente, tomada como resposta a um programa. E esta opção é tomada pelo arquitecto, mesmo quando não expressa no programa, que como fizemos referência, não a assume. Neste sentido, é o arquitecto que propõe uma sua ‘visão do mundo’.

Assim a capacidade de perceber no arquitecto o potencial para dar a resposta que se pretende, a grande dimensão, é crucial.

Os edifícios de grande dimensão da mobilidade

Interessa-me neste ponto falar das tipologias funcionais de grande escala relacionadas com a mobilidade, as que são novas, e as que, não sendo novas, se renovam pela complexidade que agora englobam, numa era em que, mobilidade, acessibilidade e infra-estrutura são aspectos fundamentais da cidade contemporânea.

A mobilidade assume-se hoje como elemento estruturalmente dominante na cidade, condição básica de orientação. Nem todos os edifícios de grande dimensão do nosso tempo são edifícios da mobilidade – mas os edifícios da mobilidade do nosso tempo são todos de grande dimensão.



ESTAÇÃO DE SEVILHA - SEVILHA

Já na cidade tradicional os edifícios relacionados com a circulação, os edifícios porta das cidades, eram de grande dimensão.

A invenção dos transportes ferroviários, e a necessidade de recebe-los nas cidades, esteve na origem de algumas das primeiras grandes estruturas urbanas — as gares ferroviárias — construídas nos centros tradicionais.

Hoje, a possibilidade de grande parte da população mundial se deslocar, em viagens de negócios ou de lazer, não só no seu país mas através do planeta, é uma realidade.

Apesar de assistirmos hoje à desactivação de algumas linhas férreas numa lógica claramente economicista em que, o que não trás lucro não interessa, assiste-se por outro lado a investimentos em linhas consideradas lucrativas, onde as afluências parecem justificar a construção de grandes arquitecturas, que deixam assim de ser simples terminais, pela junção de outras valências a um programa que não é novo, tornando-o , pelo menos, diferente.

Na cidade contemporânea, em que as vias da mobilidade são estruturadoras do território, as estruturas da mobilidade, em particular os interfaces que asseguram o cruzamento simultâneo dos vários meios de transporte e comunicação, surgem como pontos emergentes e representativos do papel da própria cidade como nó principal nas redes de fluxos, ganhando um papel de crescente importância.

A importância crescente deste tipo de equipamentos deve-se ao desenvolvimento e ampliação que têm tido, causados por um aumento dos tráfegos, tendo deixado de ser os edifícios terminal para passar a albergar um cada vez maior número de funções. Muitas destas não estão relacionadas directamente com o programa transporte e com o tráfego, mas funcionam como pólos de atracção que complementam, e muitas das vezes viabilizam, economicamente, as estruturas da mobilidade.

A relação espaço/tempo — no sentido do *espaço percorrido/tempo para o fazer* — vê-se constantemente alterada, sendo os seus factores inversamente proporcionais, pela crescente velocidade dos transportes. Este é um factor importante, numa sociedade onde a mobilidade significa o acesso a todas as oportunidades, e por isso se exige, cada vez mais, os meios que permitam a aceleração nas ligações entre os espaços.

Os aeroportos são, na cidade contemporânea, o paradigma dos edifícios da mobilidade.

“Nos anos noventa, os aeroportos representam o que foram os museus na década pós-moderna dos oitenta: o foro onde convergem numerosos temas de actualidade e têm lugar todo o tipo de actividades interessantes configurando um foco natural de atenção.”⁸

O avião tornou-se um transporte de massas. O número de pessoas que hoje o utilizam aumentou exponencialmente, em relação ao período em que o *jet leg* só afectava um pequeno grupo de indivíduos, o *jet set*, com capacidade financeira para suportar o custo da materialização do sonho de Ícaro.

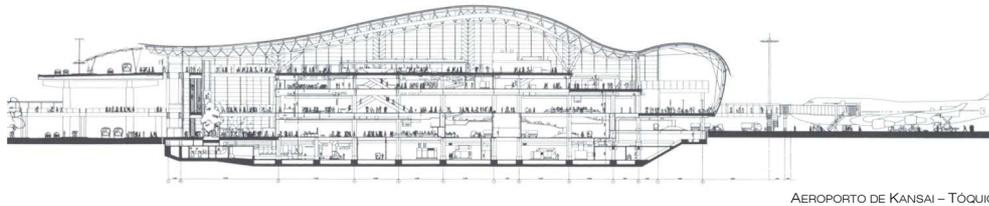
Como reflexo desta massificação, mas também do facto de se ter verificado um aumento no tamanho e no número das aeronaves, o aeroporto viu-se aumentado, ganhando uma dimensão na qual uma sociedade capitalista, marcada pelo lucro e pelo benefício, viu potencial económico.

Assim, a grande dimensão por inerência do programa — as plataformas estão lá — viram-se extrapoladas pela junção de novos programas que se cruzam com o do transporte constituindo-se neste caso, como em tantos outros, o programa comercial como ‘programa âncora’, no sentido em que nestes falamos do hipermercado ou das salas de cinema como atractivos para uma sociedade que esgota o seu tempo no acto do consumo.

O cruzamento de programas não se limita no entanto hoje apenas ao cruzamento do programa de transporte com o programa comercial, e os aeroportos tornaram-se o caso paradigmático dos edifícios da mobilidade, no sentido em que englobam hoje uma série de outros programas como hotéis, centros de congressos, etc. que fazem parte de uma unidade ou que se situam em torno do aeroporto, agora e cada vez mais interface.

De acordo com Spiegler, as áreas urbanizadas ao longo das estradas e em redor dos aeroportos, “com os seus centros comerciais, culturais, de convenções, mas sobre tudo armazéns, depósitos e aparcamentos, sofrerão o mesmo processo que os centros urbanos. Tendo que enfrentar os mesmos problemas que nas últimas décadas levaram as pessoas das

⁸ Hans Ibelings, *Supermodernismo*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona 1998, p.79.



AEROPORTO DE KANSAI – TÓQUIO

idades a abandoná-la para assentar nos subúrbios, problemas como o incremento do uso do solo e a inacessibilidade crescente.”⁹

O *Aeroporto de Stanstead* encontra no cruzamento do programa do terminal aéreo com o programa comercial o pretexto para a construção da grande dimensão. Assim este torna-se um grande interface comercial na impossibilidade de o ser do ponto de vista, apenas, da mobilidade.

O *Aeroporto de Kansai* cruza o tema da grande dimensão da mobilidade com um outro, o da grande dimensão como exploração dos meios tecnológicos mais avançados. Pela forma como a sua construção significou a exploração das mais avançadas tecnologias de terraplanagem para a construção de uma ilha, mas também pela inovação que representa a mudança das infra-estruturas da cobertura para o solo, libertando esta que assim se pode tornar ligeira e resolver problemas de iluminação num espaço tão extenso e profundo, permitindo ainda que em termos formais este se singularize.

Michel Toussaint ao falar dos aeroportos retoma a ideia destes como cidades: “os aeroportos e as suas gigantescas implantações assemelham-se às perspectivas (de cidade) avançadas nesse tempo (anos 60),” e continua, “mas não são ‘cidades’ com habitação. Os milhões de passageiros apenas passam.”¹⁰

Em Euralille a vontade política e económica de criar uma cidade voltada para o futuro, uma cidade mais do que comercial, uma cidade de trocas, no sentido mais lato do termo.

Euralille é a construção da cidade global, a cidade que mantém as suas fronteiras mas que as tornou porosas e permeáveis.

Lille compreendeu a importância da mobilidade e o seu programa parecem ser precisamente esse, a mobilidade. A cidade é um nó estratégico, um cruzamento estratégico de fluxos, e essa é a principal razão do seu desenvolvimento.

⁹ Hans Ibelings, *Op. Cit.*, p.85.

¹⁰ Michel Toussaint, “A grande cidade como meio e paradigma para a arquitectura no século XX”, *Jornal dos Arquitectos*, n. 195, Março/Abril 2000, p.81



CENTRO COMERCIAL EURALILLE - LILLE

Mas numa cidade que de repente se torna próxima de várias capitais europeias, a distância mede-se em unidades de tempo, a arquitectura deixa de ter uma escala regional ou até nacional para passar a ter uma escala supranacional. A grande dimensão como programa.

O centro comercial do projecto *Euralille*, de Jean Nouvel, surge numa zona vaga perto do centro da cidade de Lille. Este edifício, híbrido, de grande dimensão, estrutura-se de acordo com uma estratificação programática, o que significa que a grande superfície não monopoliza, do ponto de vista físico, a área exterior envolvente. A congestão não acontece só ao nível programático mas também dos edifícios.

O interior do centro comercial adquire uma dimensão urbana uma vez que pode ser utilizado como forma de ligação com a estação através de eixos públicos, remetendo, de certa forma, para o conceito da galeria oitocentista.

Os edifícios de grande dimensão do consumo

Pelo seu programa e pela sua escala, os edifícios de grande dimensão do consumo constituem-se como elementos estruturantes na cidade contemporânea, e são, em Portugal, o caso paradigmático de edifícios de grande dimensão.

Os grandes edifícios comerciais, assumem-se, hoje, como expressão máxima de uma sociedade de consumo, alterando os parâmetros de vida e a forma da cidade.

Ao impor-se como pilar estruturante da sociedade, o comércio trouxe consigo novos programas arquitectónicos que assumem uma importância vital na cidade contemporânea.

Durante os últimos dez anos, estes, “devido às suas recompensas financeiras e importância como condensador social, tornaram-se na primeira escolha ideológica, como a mais fiável construção para estruturar a vida urbana contemporânea, quer nos limites ou, e agora cada vez mais, nos centros das cidades...”¹¹

¹¹ Richard Ingersoll, “Il centro commerciale: Fantasmagoria II,” *G. A.*, 1990



CENTRO COMERCIAL COLOMBO - LISBOA

Estes edifícios possuem hoje uma escala, e uma complexidade funcional e espacial que os afasta das galerias oitocentistas suas ‘antepassadas’. Para além de se destinarem a receber grandes massas, tornando-se cada vez mais, na cidade contemporânea, no equivalente aos espaços públicos centrais da cidade tradicional, estes constituem-se hoje como lugares de encontro e de reunião dos *urbanitas*. Espaços onde a sociedade exprime os seus ritos que, cada vez mais, se relacionam com o consumo – onde uma comunidade unida pela partilha de valores de consumo se encontra e com os quais se identifica.

São espaços interiores públicos de propriedade privada, espaços interiores colectivos — deslocando o ênfase da propriedade para o uso.

Estes espaços conformam-se socorrendo-se dos elementos morfológicos tradicionais – rua, praça, etc. – remetendo-nos para a imagem de uma estrutura urbana tradicional. Assim temos ‘ruas’ com nomes que, tal como todo o resto, se relacionam com uma temática escolhida, que dão em praças, espaços iluminados e de ambiente controlado.

Esta é uma estratégia de rentabilização do espaço, mas também corresponde à vontade de criação de um ambiente reconhecível, que corresponda a uma ideia de cidade apetecível e agradável propícia ao consumo despreocupado.

São, cada vez mais, estruturas de grande dimensão, cuja presença na malha urbana conduz a uma nova organização espacial, chegando mesmo a ser construídos com o intuito de gerar novas centralidades — pelos fluxos que geram e pelas dinâmicas que criam.

Os centros comerciais não se constroem actualmente como resposta às necessidades básicas de comércio, mas afirmam-se como uma estrutura indispensável, um espaço não só de compra mas também de passeio, de recreio, de estar, o destino mais procurado da sociedade contemporânea., aproximando-se cada vez mais da escala da cidade.

O West Edmonton Mall em Alberta, no Canadá é o maior centro comercial fechado até hoje construído. As inúmeras atrações que possui vão desde um parque aquático com piscina de ondas, restaurantes e hotéis com quartos temáticos, uma infinidade de lojas e cinemas, fazendo com que muitos turistas o elejam como destino de férias. Este, “representa o culminar do desejo de sintetizar o resto do Mundo. Há quem diga que já não é necessário

visitar Paris, Londres ou a disneylândia pois agora tudo isto pode ser encontrado debaixo do mesmo tecto.”¹²

Numa cidade explodida, feita de coalescências urbanas, de novas centralidades, o edifício de grande dimensão possui o potencial para organizar e estruturar a cidade, e, cada vez mais, um território mais vasto. Este assume o papel de elemento de referência — preconiza um modelo urbano de referência — e contribui para a cidade tornando-a mais rica em infra-estruturas, mais equipada, e mais referencial. A quantidade como qualidade urbana.

¹² Richard Ingersoll, “Il centro commerciale: Fantasmagoria II,” *G. A.*, 1990

PÓS-TEXTOS – EM JEITO DE CONCLUSÃO

Permanências e a prova dos nove (anos)

Permanências?

Este capítulo pretende funcionar como conclusão do trabalho de reflexão que empreendemos, e não estabelecer qualquer tipo de conclusão sobre o tema, pois pensamos que, sobre este, apenas poderemos falar, quando muito, em permanências, tendo presente que abordamos a questão da construção da cidade inquirindo aspectos de uma tendência determinada de vanguarda, marcada por condições que se vêm configurando e que possuem alguma unidade — conscientes das diferentes evoluções dos processos urbanos, no espaço e no tempo.

A generalização das novas matrizes de vida e a, suposta, uniformização global, levam a que mesmo os desejos individuais de diferença surjam de forma padronizada — “o individualismo é ‘vulgar’ e um motor da sociedade, em especial quando na generalidade temos vindo a alinhar pela liberalização global, ou seja, pela desenfreada massificação do indivíduo.”¹

De facto, a sociedade contemporânea enfrenta óbvios problemas de identidade, que levam a ainda mais óbvios problemas de identificação com os espaços de referência,² ao mesmo tempo que se avolumam as dificuldades de leitura e de intervenção na cidade dispersa.

O edifício de grande dimensão assume, neste contexto, uma importância fulcral, pela possibilidade de constituir-se como elemento de excepção — em termos formais e/ou funcionais — com o potencial de referenciar o território extenso e descontínuo da cidade,

¹ Walter Rossa, “Cidade: o sonho de nero, o desenho, o comércio tradicional e outras provocações expressas de forma desordenada,” *ecdj* n.3, Coimbra, Novembro 2000, p. 21.

² Porque vivemos hoje uma inerente dispersão da cultura, nem a população nem os valores estão todos no mesmo lugar.

marcada pela “intensidade da coesão e das interdependências funcionais,”³ que se estrutura nos grandes eixos e sistemas da mobilidade.

Deslocando-se para localizações associadas à emergência de grandes infra-estruturas, o edifício de grande dimensão multifuncional, apresenta-se, como instrumento de descentralização urbana, capaz de criar novos pólos de centralidade, sendo corrector de desequilíbrios do tecido urbano, ganhando expressão máxima nas periferias externas, não consolidadas, onde pode reclamar a sua escala própria.

No entanto, densidade, estratificação, mobilidade e justaposição revelam-se, cada vez mais, argumentos de qualquer projecto arquitectónico e urbano, devendo ser encaradas ao nível de qualquer uma das metodologias do planeamento já consagradas pela prática e pela gestão urbanística — da requalificação das áreas centrais ao reordenamento periférico e à salvaguarda dos núcleos históricos e monumentais. “Goradas as possibilidades do centro ‘aculturar’ a periferia terá chegado a altura da periferia informar o centro,”⁴ transportando-se para este último alguns dos modelos, anteriormente periféricos, de apropriação do espaço e de referênciação.

Assumindo-se como potenciadoras de uma nova ideia de cidade e garante do funcionamento de novos modelos de vida, as arquitecturas de grande dimensão tornam-se potenciais espaços para a síntese de uma globalidade, que comporta um conjunto de espaços heterogéneos, que satisfazem as exigências de uma sociedade contemporânea marcada pela convivência de múltiplos estilos de vida.

O interesse do edifício de grande dimensão, espaço de coabitação de escalas múltiplas, vem precisamente do facto de que ele é difícil de inscrever num só modelo teórico ou formal e que, pelo contrário, deve ser “apreendido desde a acumulação e simultaneidade dos estratos e dos movimentos, capas vibráteis em colisão civilizada, mais do que numa continuidade harmónica, ordens estruturais elementares de carácter surpreendentemente global mas

³ Álvaro Domingues, “os novos mapas da cidade”, *ecdj* n.3, Coimbra, Novembro 2000, p.38.

⁴ José António Bandeirinha, “ Novos mapas para velhas cidades,” *ecdj*, n.3, Coimbra, Novembro 2000, p.83.

abertas a acontecimentos locais sucessivos não necessariamente prefiguráveis, numa miscelânea difusa entre o abstracto e o particular, o universal e o individual, o sistemático e o excepcional, o estruturado e o informal, como uma hipótese transportável ao projecto arquitectónico, metáfora, em última instância, da própria cena contemporânea.”⁵

A Grande Dimensão possui, em nosso entender, o potencial para se assumir, no contexto actual, como elemento para a estruturação, reorganização e (re)qualificação dos organismos urbanos, e para se constituir como um espaço de referência de uma sociedade ‘desalinhada’, para quem o reconhecimento urbano continua, apesar de tudo, a ser, cada vez mais, apetecível. Detém o potencial, enfim, para se constituir como “ícone de referência urbana nos centros, nas periferias, nos centros periféricos ou na periferia dos centros.”⁶

Numa paisagem de desordem, de dispersão, a atracção da grande dimensão continua a ser “o seu potencial para reestruturar o todo, ressuscitar o real, reinventar o colectivo, reclamar a possibilidade máxima.”⁷ Enquanto a banalidade abre caminho a uma escala assustadora, tais esforços são mais necessários que nunca.

A arquitectura do nosso futuro imediato deve ser capaz de reconhecer o seu próprio lugar, os seus próprios instrumentos e a sua própria capacidade de intervenção na grande cidade, em qualquer parte do nosso mundo civilizacional, onde a cidade seja marcada por uma condição metropolitana emergente.

Já não é a ilusão do controlo total. É antes, a compreensão da grande dimensão como possibilidade de reconfigurar e requalificar a cidade, como mais um dos programas possíveis para a regeneração da cidade contemporânea.

⁵ Manuel Gausa, “Metropolis→Metapolis”, “Forum internacional”, *Quaderns*, n.213, Col·legi d’Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996, p.13

⁶ Álvaro Domingues, *Op. Cit.*, p.38

⁷ Rem Koolhaas, “Bigness, or the problem of large,” *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997 (texto de 1994), p. 510.

A prova dos nove (anos)

Longe da pretensão de ter atingido pontos definitivos e dogmáticos — afinal, não era essa a nossa intenção! — a reflexão a que a abordagem de um tema como o que nos propusemos deu origem, não se encontra expressa nestas folhas, que não poderiam conter tal ‘dimensão’.

Mais importante do que a abordagem do tema foi a própria prova enquanto processo.

O tema foi, como referimos no início, o pretexto para abordar questões mais vastas, como o são a arquitectura, a cidade. Assim, o produto final, aquele que será sujeito a avaliação e a julgamento por parte de um júri e daqueles que consultem esta Prova Final, será apenas um rascunho, um caderno de anotações várias, ‘a ponta do iceberg’. Não o dizemos por pretensiosismo ou narcisismo (a)moral, mas apenas porque compreendemos que a prova teve um fim último que extravasou a dimensão destas folhas.

É difícil acreditar num papel importante para o arquitecto. É difícil acreditar que se pode, de facto, ter um papel interventivo na cidade e na sociedade, quando, em Portugal, quem desenha a cidade são (continuam a ser?) profissionais de outras áreas, ‘forasteiros’ à disciplina da arquitectura.

Mesmo o entendimento da necessidade, cada vez maior, de equipas multidisciplinares, para abordar a questão da construção e reconstrução da cidade, não obsta à compreensão do papel do arquitecto como elemento importante e integrante do processo, de que não deve ser destituído. Abandonarmos esta pretensão seria, perdoem-nos a fra(n)queza, ‘deixar a carcaça à mercê dos abutres’.

A consciência da complexidade do momento actual não justifica, em nossa opinião, a demissão de um papel que é nosso enquanto arquitectos.

Não devemos abdicar da vontade de criar um meio físico ordenado e um meio simbólico significativo, porquanto tal significará o caos, e esse não pode, como alguns pretendem insinuar, ser fruto de um gesto intencionado. Resultaria apenas do abandono dessa vontade de ordenar, que encontra numa sociedade liberal o seu fundamento.

“A única relação que nós, arquitectos, podemos manter com o caos, é ocupar o nosso legítimo posto entre as fileiras daqueles destinados a preveni-lo, e *falhar*.”⁸

Entre as fileiras daqueles destinados a preveni-lo...

“A consciência dos nossos limites de tempo e de cultura, e dos perigos e vantagens que acarreta o pragmatismo, não pode impedir, no entanto, a formulação de desejos de construção de uma cidade melhor.”⁹

⁸ Rem Koolhaas in Alejandro Zaera, “Encontrando liberdades: conversaciones com Rem Koolhaas,” *El Croquis*, n.53, El Croquis Editorial, Madrid 1994, p.27.

⁹ Alexandre Alves Costa, “Cinco pensamentos de nexo inexplicável,” *ecdj* n.2, Coimbra, Março 2000, p.64.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV, *Presente y futuros. Arquitectura en las ciudades*, Edición Comitè d'Organització del Congrés UIA Barcelona 96, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996.

AAVV, *Visions urbanes*, Electa, Centre de Cultura contemporània de Barcelona, Barcelona 1994

Ascher, François, *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*, Edições Celta, Oeiras 1998.

Augé, Marc, *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Bertrand Editora, Venda Nova 1998 (Ed. Or. 1992).

Banham, Reyner, *Megaestruturas: Urban futures of the recent past*, Thames and Hudson Ltd., London 1976.

Baudrillard, Jean, *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa 1991.

Benevolo, Leonardo, *O Último Capítulo da Arquitectura Moderna*, Edições 70, Lisboa 1985.

Behne, Adolf, *The Modern Functional Building*, Texts and Documents, Santa Mónica 1996

Bozal, Valeriano (ed.), *História de las estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas*, Visor. Dis. S.A., Madrid 1996.

Certau, Michel de, *L'Invention du Quotidien*, Éditions du Seuil, Paris 1981.

Choay, Françoise, *L'Allégorie du Patrimoine*, Éditions du Seuil, Paris 1996.

Corbusier, Le, *Maneira de Pensar o Urbanismo*, Publicações Europa-América.

Damásio, António R., *O Erro de Descartes*, Publicações Europa-América, 1994.

Dupré, Judith, *Skyscrapers*, Konemann Verlagsgesellschaft mbH, Köln 1996.

Eco, Humberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, Editorial Presença, Lisboa 1984.

Fernandes, Manuel Correia, *Projecto I · Programa, Conteúdos e Métodos* –Relatório para a obtenção do grau de professor agregado da FAUP.

Fernandes, Manuel Correia, *A Estrutura de Suporte · Construir a arquitectura: Um projecto para a disciplina de Projecto*, Edições da FAUP, Porto 1995.

Ferrão, Bernardo, *Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás*, Edições da FAUP, Porto 1989.

Frampton, Kenneth, *História Crítica de la Arquitectura Moderna*, Gustavo Gili, Barcelona 1989.

Fusco, Renato de, *Historia de la arquitectura contemporánea*, Celeste Ediciones, Madrid 1992 (ed. Or. 1975).

Giedion, Siegfried, *La arquitectura como fenómeno de transición*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona

Goldberg, Paul, *The Skyscraper*, Knopf, Nova Iorque 1981.

Grande, Nuno, *O Verdadeiro Mapa do Universo – uma leitura evolutiva dos conceitos de (infra)estruturação urbana na conformação da cidade portuguesa*,; [S.N.], Coimbra 1997.

Hall, Peter, *Cidades do Amanhã: uma história do planeamento e do projecto urbanos no séc. XX*, Editora Perspectiva, São Paulo 1995.

Ibelings, Hans, *Supermodernismo*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1998.

Jansen, H. W., *História da Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1982, (ed. or. 1977)

Jodidio, Philip, *Novas Formas na Arquitectura: a arquitectura dos anos 90*, Tashen Edições, 1997.

Lacaze, Jean-Paul, *Os Métodos do Urbanismo*, Papirus, São Paulo 1990

Lamas, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT, Lisboa 1993.

Lemoine, Bertrand, *Eiffel*, Editorial Stylos S.A., Barcelona, 1986.

Lynch, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lisboa 1996.

Lyotard, Jean-François, *A Condição Pós-moderna*, Gradiva, Lisboa 1989.

Koolhaas, Rem, *Delirious New York: a retrospective manifesto for Manhattan*, 010 Publishers, Rotterdam 1994.

Koolhaas, Rem, *S,M,L,XL*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, Köln 1997 (Ed. Or. 1995).

Montaner, Josep Maria, *Después del Movimiento Moderno: arq. De la segunda mitad del siglo XX*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1993.

Pearman, Hugh, *Contemporary World Architecture*, Phaidon, London 1998.

Quaroni, Ludovico, *La Torre di Babel*, Marsílio Editorial, Pádua 1967.

Rossi, Aldo, *A arquitectura da cidade*, Edições Cosmos, Lisboa 1977 (1ª Ed. 1966).

Sassen, Saskia, *Cities in a World Economy*, Pine Forge Press, Thousand Oaks 1994.

Solà-Morales, Ignasi de, *Diferencias. Topografia da arquitectura contemporânea*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona 1995.

Soros, George, *A crise do capitalismo global*, Círculo de leitores, 1998

Tafuri, Manfredo, *Projecto e Utopia: arquitectura e desenvolvimento do capitalismo*, Presença, Lisboa 1985.

Tschumi, Bernard, *Architecture and Disjunction*. The MIT Press, Cambridge (Mass.) 1994.

Tshumi, Bernard, *Event-Cities: praxis*, The MIT Press, Cambridge (Mass.) 1996.

Venturi, Robert, Scott-Brown, Denise e Izenour, Steven, *Aprendiendo de Las Vegas*, Edições Gustavo Gili, Barcelona 1998 (Ed. Or. 1977).

Venturi, Robert, *Complejidad y contradicción en la arquitectura*, Gustavo Gili, Barcelona 1986

Zulaika, Joseba, *Crónica de uma Sedução. O Museu Guggenheim de Bilbao*, Edições Nerea, Madrid 1997.

Zumthor, Peter, *Thinking Architecture*, Birkhauser

BIBLIOGRAFIA — PERIÓDICOS

AAVV, *Architècti*, n.40, Fevereiro 1998

AAVV, *Casabella*, n.664, Fevereiro 1999.

AAVV, *Daidalos*, n.61, Setembro 1996

AAVV, *Documenta X – the book: politics poetics*, Ostefeldern, Cantz Verlag, 1997.

AAVV, *Domus*, n.774, Milão Setembro 1995.

AAVV, *Domus*, n.815, Milão Novembro 1997.

AAVV, *ecdj*, n.2, Coimbra, Março 2000.

AAVV, *ecdj*, n.3, Coimbra, Novembro 2000.

AAVV, *El Croquis*, n. 53, El Croquis Editorial, Madrid 1994.

AAVV, *El Croquis*, n. 64, El Croquis Editorial, Madrid 1994.

AAVV, *El Croquis*, n. 65/66, El Croquis Editorial, Madrid 1994.

AAVV, *El Croquis*, n.79, El Croquis Editorial, Madrid 1996.

AAVV, *G. A*, Madrid 1990

AAVV, *Jornal dos Arquitectos*, n.195, Março/Abril 2000.

AAVV, *Lotus Internacional*, n.86, Electa, Milão 1995

AAVV, *Quaderns*, n.191, Outubro/Dezembro 1991.

AAVV, *Quaderns*, n.213, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996.

AAVV, *Quaderns*, n.218, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Barcelona 1996.

AAVV, *The Architectural Review*, n.1201, march 1997.

AAVV, *The Harvard Architecture Review IV*, Monumentality and the city, The MIT Press, Harvard, Spring 1984.

AAVV, *Unidade*, n.3, AEFAUP, Porto.

AAVV, *Unidade*, n.4, AEFAUP, Porto.

AAVV, *Visão*, Lisboa 2000

AAVV, *Visions urbanes*, Electa, Centre de Cultura contemporània de Barcelona, Barcelona 1994

ÍNDICE E FONTES DAS IMAGENS

ÍNDICE E FONTES DAS IMAGENS

Imagem 1	pág. 11,	Torre de Babel, <i>The Architectural Review</i> n.1201, p.5
Imagem 2	pág. 18,	One mile high, <i>Daidalos</i> , pag.12.
Imagem 3	pág. 23,	Metrópolis 1923, <i>Presente y futuros</i> , p.11.
Imagem 4	pág. 25,	René Gonzalez, <i>Quaderns, Forum Internacional</i> 2, p.165.
Imagem 5	pág. 27,	<i>S,M,L,XL</i> , p.1243.
Imagem 6	pág. 28,	Hibridez funcional, <i>da dinâmica da cidade à cidade da dinâmica</i> , p.125.
Imagem 7	pág. 30,	<i>Quaderns, Forum Internacional</i> 1, p.182
Imagem 8	pág. 32,	Nova ordem expansiva, <i>da dinâmica da cidade à cidade da dinâmica</i> , p.105
Imagem 9	pág. 33,	Europa transformada, <i>S,M,L,XL</i> , p.1158
Imagem 10	pág. 34,	Milford <i>da dinâmica da cidade à cidade da dinâmica</i> , p.108.
Imagem 11	pág. 35,	Asael Marrero, <i>Quaderns, Forum Internacional</i> 2, p.165
Imagem 12	pág. 37,	Fluxos de informação, <i>Quaderns, Forum Internacional</i> 2, p.16
Imagem 13	pág. 42,	Urbanismo Espacial, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.498
Imagem 14	pág. 43,	Plano para a baía de Tóquio, <i>Megaestruturas</i> , p.50
Imagem 15	pág. 44,	Plug-in-city, <i>Megaestruturas</i> , p.96
Imagem 16	pág. 45,	Walking city, <i>Megaestruturas</i> , p.85
Imagem 17	pág. 46,	Empire State Building, <i>Skyscrapers</i> , 33
Imagem 18	pág. 47,	Seagram Building, <i>A Estrutura de Suporte</i> , p.45
Imagem 19	pág. 48,	Gearless Traction Electric Elevator, <i>Skyscrapers</i> , p.55
Imagem 20	pág. 50,	Torre de Babel, <i>The Architectural Review</i> n.1201, p.5
Imagem 21	pág. 50,	As Pirâmides de Gizé, <i>História da Arte</i> , p.60
Imagem 22	pág. 50,	Coliseu de Roma, <i>Daidalos</i> , p.18

Imagem 23	pág. 51,	Catedral de Chartres, <i>História da Arte</i> , p.305
Imagem 24	pág. 51,	Catedral de Florença, <i>História da Arte</i> , p.307
Imagem 25	pág. 52,	São Pedro de Roma, <i>História da Arte</i> , p.504
Imagem 26	pág. 52,	Palácio de Versailhes, <i>História da Arte</i> , p.544
Imagem 27	pág. 52,	Étienne–Louis Boullés, <i>História da Arte</i> , p.576
Imagem 28	pág. 53,	Crystal Palace, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.66
Imagem 29	pág. 53,	Familistério de Guise, <i>A estrutura de suporte</i> , p.44.
Imagem 30	pág. 54,	Exposição de 1889 Paris, <i>Eiffel</i> , p.121
Imagem 31	pág. 54,	Torre Eiffel, <i>Eiffel</i> , p.85
Imagem 32	pág. 55,	Auditorium Building, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.84
Imagem 33	pág. 55,	Mercado coberto do Matadouro da Cidade Industrial, <i>Antonio Sant’Elia</i> , p.37
Imagem 34	pág. 55,	Pennsylvania Station, <i>Skyscrapers</i> , p.33
Imagem 35	pág. 56,	Singer Building, <i>Skyscrapers</i> , p.33
Imagem 36	pág. 56,	The Cathedral of Commerce, <i>delirious new york</i> , p.98
Imagem 37	pág. 57,	Antonio Sant’Elia, <i>Antonio Sant’Elia</i> , p.85
Imagem 38	pág. 57,	Antonio Sant’Elia, <i>Antonio Sant’Elia</i> , p.84
Imagem 39	pág. 58,	Ville contemporaine pour 3 millions d’habitants ????
Imagem 40	pág. 58,	Cidade Vertical, <i>Hilberseimer</i> , p.18
Imagem 41	pág. 58,	Cidade Vertical <i>Hilberseimer</i> , p.19
Imagem 42	pág. 59,	Hugh Ferris, <i>delirious new york</i> , p.111
Imagem 43	pág. 59,	Metropolis de Fritz Lange, <i>Skyscrapers</i> , p.99
Imagem 44	pág. 59,	Buckminster Fuller, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.479
Imagem 45	pág. 60,	Torre Tatlin, <i>The modern functional building</i> , p.147
Imagem 46	pág. 60,	Unidade de Habitação, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.52

Imagem 47	pág. 60,	Seagram Building, <i>A estrutura de suporte</i> , p.45
Imagem 48	pág. 61,	Plano para a baía de Tóquio, <i>Megaestruturas</i> , p.50
Imagem 49	pág. 61,	Plug in city, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.506
Imagem 50	pág. 61,	Archigram, <i>História da Arquitectura Contemporanea</i> , p.514
Imagem 51	pág. 62,	Centro Georges Pompidou, <i>Contemporary world architecture</i> , p.6
Imagem 52	pág. 62,	delirious new york, <i>delirious new york</i> , p.295
Imagem 53	pág. 77,	<i>L'enseignement Las Vegas</i> , p.162
Imagem 54	pág. 78,	Guggenheim, <i>Contemporary world architecture</i> , p.47
Imagem 55	pág. 79,	Centro comercial Colombo, <i>Architecti CC40</i> , p.109
Imagem 56	pág. 81,	Centro Cultural de Belém, <i>internet, pág. do CCB</i> .
Imagem 57	pág. 82,	Petronas tower, <i>Contemporary world architecture</i> , p.472.
Imagem 58	pág. 83,	Arco de la défense, <i>Contemporary world architecture</i> , p.438
Imagem 59	pág. 84,	Millenium Dome, <i>Contemporary world architecture</i> , p.456.
Imagem 60	pág. 85,	Banco da China, <i>Contemporary world architecture</i> , p.469.
Imagem 61	pág. 86,	Estação de Sevilha, <i>Contemporary world architecture</i> , p.384
Imagem 62	pág. 88,	Aeroporto de Kansai, <i>Contemporary world architecture</i> , p.356.
Imagem 63	pág. 89,	Centro comercial EuraLille, <i>Daidalos, n.61</i> , p.130
Imagem 64	pág. 90,	Centro comercial Colombo, <i>Architecti CC40</i> , p.97.

ÍNDICE GERAL

SUMÁRIO	3
PRÉ-TEXTOS E PRETEXTOS.	4
- Angústias, motivações e a grande dimensão.	5
Angústias	5
Motivações	8
A grande dimensão	11
- Entre parênteses (projecto ou obra?).	18
CONTEXTOS.	22
- Sociedade e cidade contemporâneas. Contexto para a grande dimensão contemporânea.	23
Porquê abordar a cidade?	23
A reflexão sobre a cidade	25
Sociedade e cidade	26
A condição sobremoderna — mentalidade contemporânea	29
Limites, forma e condição central	32
Mobilidade	35
Ponto final	38
(ALGUMA) GRANDE DIMENSÃO CONTEMPORÂNEA.	39
- Percursos e antecedentes da grande dimensão.	40
A abordagem	40
As megaestruturas	42
Os arranha-céus	46
Instantâneos	49
- Conceitos. A procura de uma ideia de grande dimensão	63
A abordagem	63
Articulando conceitos	64
Debilitamento do conceito	75
- Abordagens possíveis - algumas reflexões erráticas.	76
Algumas reflexões erráticas	76
Uma nova dimensão	76
Valor dimensional, valor simbólico	78
A complexidade do programa contemporâneo	80
Encomenda	81
Os edifícios de grande dimensão da mobilidade	85
Os edifícios de grande dimensão do consumo	89

PÓS-TEXTOS — EM JEITO DE CONCLUSÃO.	92
- Permanências e a prova dos nove (anos).	93
Permanências?	93
A prova dos nove (anos)	96
BIBLIOGRAFIA	98
- Bibliografia geral	99
- Bibliografia — periódicos	104
ÍNDICE DE IMAGENS E FONTES DAS ILUSTRAÇÕES	106
ÍNDICE GERAL	110

Agradecimentos:

Ao arq. João Paulo Cardielos, pela paciência e pelas conversas estimulantes;

Aos meus Pais;

A todos os meus amigos;

E a todos os que de alguma forma tornaram este trabalho possível.

